

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

VALDECI DO CARMO

O SENTIMENTO DE CULPA COMO RESULTADO DAS TRANSGRESSÕES
HUMANAS

São Leopoldo

2014

VALDECI DO CARMO

O SENTIMENTO DE CULPA COMO RESULTADO DAS TRANSGRESSÕES
HUMANAS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C287s Carmo, Valdeci do
O sentimento de culpa como resultado das
transgressões humanas / Valdeci do Carmo; orientador
Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
76 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Culpa. 2. Culpa – Aspectos religiosos. 3. Perdão
– Aspectos religiosos. I. Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

VALDECI DO CARMO

O SENTIMENTO DE CULPA COMO RESULTADO DAS TRANSGRESSÕES
HUMANAS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data: 30 de junho de 2014

Flávio Schmitt – Doutor em Ciências da Religião – EST

Segundo avaliador: Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia - EST

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo sonho que hoje se materializa.

A minha querida mamãe, com muito amor e carinho, pela sua honestidade e empenho sem medida para me sustentar e dar as devidas orientações que me transformaram em um ser humano de caráter e conhecedor do evangelho de Cristo. Que o Senhor lhe abençoe agora e eternamente!

A minha esposa Elisangela de Oliveira Figueiredo do Carmo e a meus filhos Izabella e João Víttor Figueiredo do Carmo, pelo carinho, dedicação, paciência, incentivo e por compreenderem minhas ausências e omissões;

As minhas irmãs que, apesar da distância, anelam constantemente pelo meu sucesso;

A todos os amigos e familiares que compartilharam da minha caminhada e àqueles que mesmo distantes torceram por mim;

A todos os professores que dedicaram seu tempo e sua sabedoria para que minha formação acadêmica fosse um aprendizado de vida;

Ao professor Dr. Flávio Schmitt, que soube ter paciência e muito contribuiu para que eu pudesse chegar a este momento;

Ao professor Verner que sempre foi um amigo e, através de sua simpatia e competência, me inspirou a ir pra EST.

À professora Giselda Beserra de Souza por ter sido um instrumento divino e de imenso coração na contribuição deste trabalho;

Finalmente, ao Diretor e a todos os professores e funcionários da faculdade onde trabalho e a todos que fizeram parte desta longa e salutar jornada, os meus mais sinceros agradecimentos. Que Deus em sua infinita misericórdia derrame suas bênçãos, como raios de luz sobre todos.

Muito obrigado.

Todos somos constantemente cercados de críticas, às vezes mordazes e francas, às vezes silenciosas, mas nem por isso menos doloridas.

Ficamos aprisionados em um implacável círculo vicioso: toda censura suscita um sentimento de culpa, tanto no crítico quanto no criticado, e cada um procura livrar-se como pode do sentimento de culpa.

Paul Tournier.

RESUMO

A presente dissertação, com o tema o sentimento de Culpa como resultado das transgressões humanas procurou compreender a culpa, sua origem e consequências. O objetivo deste atem-se em compreender o mecanismo do sentimento de culpa em todos os setores da vida do ser humano, bem como a importância da libertação desse sentimento para seu bem-estar físico, psicológico e espiritual. Dentre os objetivos relacionados intenta-se: Conceituar culpa através dos diferentes olhares das ciências; Analisar a culpa na perspectiva religiosa; Averiguar a culpa na Teologia Cristã. O problema pesquisado foi: O que leva o ser humano a desenvolver o sentimento de Culpa? Para responder ao problema formulou-se a seguinte hipótese: O sentimento de culpa advém da responsabilidade dada à pessoa por um ato que provocou prejuízo material, moral ou espiritual a si mesma ou a outrem. A presente pesquisa foi desenvolvida através do método de pesquisa bibliográfico na qual se procurou, com base na bibliografia ao final elencada, fazer uma revisão sobre o tema culpa, bem como sua relação com a psicologia, a filosofia, a sociologia e a teologia. Nesta última, analisou-se a consciência de culpa e sua relação com o pecado que reflete na dimensão moral do agir do ser humano. O ser humano torna-se culpado e procura o arrependimento como forma de controlar seu futuro, mas refém deste sentimento permanece numa constante angústia. A culpa recebe diferentes interpretações quando analisada pela Psicanálise, pela Psicologia, pela Antropologia e pela Sociologia. Na perspectiva religiosa observa-se que entre a culpa e pecado não há uma clara distinção entre estes sentimentos, entre os que professam o cristianismo. Percebe-se que há um binômio pecado/culpa e perdão, e que a desobediência às leis de Deus, acarreta em uma angústia que faz o indivíduo se tornar mais distante de si e daqueles ao seu redor. Nas demais religiões a culpa aparece de diferentes aparências. No entanto, há sempre a opinião de que o esclarecimento do ser humano quanto as suas transgressões internas ou externas pode proporcionar uma maior compreensão dele próprio, de seu psiquismo e a busca de alternativas para que suas virtudes possam ser aperfeiçoadas. Deve-se pagar o preço dos pecados para ter-se o perdão de Deus e no dia do Juízo os pecados já estarem pagos pelo sangue de Jesus, pois ao serem perdoadas, as pessoas terão seus pecados esquecidos por Deus. O perdão só ocorrerá quando o indivíduo lembrar que ele próprio é pecador e necessita do perdão divino (Rm 3: 23), pois, no caso do cristão, Deus já lhe liberou perdão no momento da sua conversão e, a partir daí, aprende-se que se Deus nos perdoa, devemos perdoar quem nos devem muito menos em comparação ao que causamos a Jesus.

Palavras- chave: Culpa. Pecado. Perdão. Religião.

ABSTRACT

The present dissertation with the subject the Feeling of Guilt as Resulted of the Trespasses Human beings looked for to understand the guilt, its origin and consequences. The General Objective was to understand the mechanism of the feeling of guilt in all the sectors of the life of the human being, as well as the importance of the release of this feeling for its physical, psychological well-being and spiritual. Amongst the specific objectives they are: To appraise guilt through the different looks of sciences; To analyze the guilt in the religious perspective; To inquire the guilt in the Christian Theology. The searched problem was: What it takes the human being to develop the feeling of Guilt? To answer to the problem it was formulated following hypothesis: The guilt feeling happens of the responsibility given to the person for an act that provoked material damage, moral or spiritual same itself or others it. The present research was developed through the bibliographical method where if it looked for, on the basis of the bibliography to the itemize end, to make a revision on the subject blames, as well as its relation with psychology, philosophy, sociology and theology. In this last one, it was analyzed conscience of guilt and its relation with the sin that it reflects in the moral dimension of acting of the human being. The human being is felt guilty and looks the repentance as form to control its future, but hostage of this feeling remains in a constant anguish. The guilt receives different interpretations when analyzed by the Psychoanalysis, Psychology, Anthropology and Sociology. In the religious perspective one observes that the guilt enters and sin does not have a clear distinction between these feelings, between that profess the Christianity. One perceives that it has a binomial sin/guilt and pardon, and that the disobedience to the laws of God, causes a anguish that makes the individual if to become more distant of itself and of those to itsaround. In the too much religions the guilt appears of different appearances, however, always has the opinion of that the clarification of the man how much its internal or external trespasses can provide a bigger understanding of proper it, of its psyche and the search of alternatives so that its virtues can be perfected. The price of the sins must be paid to have the pardon of God and in the day of the Judgment the sins already to be paid for the blood of Jesus, therefore when being pardoned, the people will have its sins forgotten for God. The pardon alone will occur when the individual to remember that proper it is sinfuland needs the pardon the holy ghost (Rm 3: 23), therefore in the case of the Christian, God already liberated it pardon at the moment of its conversion and from then on it is learned that if God in pardons them, we must pardon who in much less must them in comparison what we cause the Jesus.

Keywords: Guilt. Sin. Pardon. Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 EM BUSCA DE CONCEITUAÇÕES DE CULPA	17
1.1 Conceitos de culpa	18
1.2 Diferentes olhares sobre a culpa	20
1.2.1 <i>Culpa na Perspectiva Filosófica</i>	22
1.2.2 <i>Culpa na Perspectiva Antropológica</i>	23
1.2.3 <i>Culpa na Perspectiva Psicológica</i>	25
1.2.4 <i>Culpa na Perspectiva Sociológica</i>	29
2 CULPA NA PERSPECTIVA RELIGIOSA	33
2.1 Culpa nas religiões	33
2.1.1 <i>Judaísmo</i>	36
2.1.2 <i>Islamismo</i>	38
2.1.3 <i>Budismo</i>	40
2.1.4 <i>Cristianismo</i>	42
3.1 Culpa como castigo	49
3.2 Culpa como pecado	53
3.3 Culpa como perdão	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

O sentimento de culpa é o sofrimento originado logo após a reavaliação de um indivíduo, sobre um comportamento passado visto como responsável por si mesmo. Do ponto de vista da Psicanálise a base deste sentimento está no sentimento de frustração desencadeada pelo o que não somos e a imagem que o superego cria daquilo que achamos que deveríamos ter sido. O sentimento de culpa também pode ser definido quanto à violação a consciência moral pessoal, ou melhor, quando pecamos e erramos. A psicologia humanista existencial defende que a culpa é um sentimento como outro qualquer e que terapeuticamente é perfeitamente tratável, se abordado com aquele que está sofrendo.

A presente dissertação pretende analisar, com base em fundamentos e princípios filosóficos, psicológicos, sociológicos e religiosos, um assunto complexo e polêmico, denominado culpa. O sentimento de culpa que é produzido pela civilização, pode não ser percebido como tal, e, fique inconsciente, exteriorizando-se apenas como insatisfação e motivando as pessoas a procurarem respostas para aquilo que está lhe fazendo sofrer.

Buscar-se-á, com este estudo, proporcionar subsídios e esclarecimentos para aqueles que sofrem com o sentimento de culpa em qualquer setor de suas vidas. Isso independente da cultura a que pertençam, considerando que necessitam estabelecer princípios éticos e morais. E considerando ainda que mediante a violação destes, instala-se o sentimento de culpa.

O sentido religioso de culpa se manifesta quando o ato da pessoa é avaliado negativamente pela divindade, por consistir na transgressão de uma norma. Pode ser vista, também, como um ato social ou a um estado psicológico, existencial e subjetivo que propõe a expiação da desobediência ao sagrado como parte da própria experiência religiosa; motivo pelo qual o pecado no sentido religioso é relacionado à culpa.

Não se pretende esgotar o tema, pois, como afirmado anteriormente, trata-se de um assunto complexo, que diz respeito a todo ser humano, e sua importância está no fato de que se não resolvido, desumaniza e fragmenta o ser humano na sua relação com Deus e com os outros.

A presente dissertação tem como interesse e objetivo principal compreender os mecanismos do sentimento de culpa em todos os setores da vida do ser humano, bem como a importância da libertação desse sentimento para seu bem-estar físico, psicológico e espiritual. O problema da presente dissertação existe em razão das pessoas desenvolverem o sentimento de culpa, mas não conhecerem os mecanismos responsáveis que originam tal sentimento, extremamente nocivo para a saúde física e mental. A escolha do tema da pesquisa justifica-se pelo fato de o próprio pesquisador, como ser humano e cidadão do mundo, estar inserido num contexto histórico que apresenta um forte vazio de sentido da vida, nas relações fragmentadas, nas crises de valores. Assim, refletir sobre a culpa e o pecado e a possibilidade do perdão, torna-se fundamental para a compreensão desse vazio e para achar um caminho, à luz da fé, que restaure e renove o ser humano.

Desta forma, o presente estudo estruturar-se-á da seguinte maneira: no primeiro capítulo serão abordados os conceitos de culpa e realizar-se-á uma análise sob diferentes áreas do conhecimento. A ideia é buscar compreender a visão da Filosofia, Antropologia, Psicologia e Sociologia sobre este sentimento em comento.

No segundo capítulo propõe-se a analisar a culpa na perspectiva religiosa, com o intuito de compreender a influência da mesma na vida daqueles que professam o judaísmo, Islamismo, o budismo e o cristianismo. No terceiro capítulo dar-se-á ênfase a culpa na teologia cristã, a luz da Bíblia e de pensadores cristãos. Por isso, uma abordagem da culpa como castigo, como pecado e como perdão, a fim de verificar como estes sentimentos permeiam a Bíblia e torna o cristianismo digno do nome de Cristo.

A presente pesquisa será desenvolvida através do método de pesquisa bibliográfica. Nela se procura, com base na bibliografia ao final elencada, fazer uma revisão sobre o tema culpa, bem como sua relação com a psicologia, a filosofia, a sociologia e a teologia. Nesta última, analisar-se-á a consciência de culpa e sua relação com o pecado, que se reflete na dimensão moral do agir do ser humano.

1 EM BUSCA DE CONCEITUAÇÕES DE CULPA

Como um ser bio-psico-social e espiritual, o ser humano é o único ser vivo apto para se desenvolver e transformar o que constrói ao longo da sua vida, em aspectos positivos e negativos. Isto fica explícito ao perceber-se que ele consegue se aperfeiçoar nas artes, nas pesquisas científicas, na luta pela liberdade em todas suas formas de expressão. No entanto, este mesmo ser humano desenvolve sentimentos como a inveja, a raiva, o ódio, a violência, o medo, a solidão, a miséria, o sentimento de culpa, entre outros, aos seus pares mais desprotegidos. Estes aspectos positivos ou negativos estão presentes em todos os indivíduos, habitantes deste mundo globalizado, que exige cada vez mais das ciências, estudos interdisciplinares para compreender o sentimento de culpa, que tantas consequências causam no cotidiano de todos os indivíduos.¹

A culpa deixa a pessoa inquieta, atormentada, triste, vivendo sempre presa por não conseguir se relacionar com ela mesma, seus semelhantes e com Deus. Seja nos relacionamentos sociais ou especificamente nas igrejas, pessoas sofrem por esquecerem as maravilhosas palavras de Jesus no evangelho de Mateus (Mt 11. 28-30)²: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

Assim, o presente estudo procurará refletir sobre as várias definições da palavra culpa, compartilhando inicialmente com a dúvida de Singh, que questiona através da obra a culpa: "Mas o que é culpa? É uma sensação ou um pensamento, ou um instrumento da sensação e do pensamento? ou uma coisa, uma força, às vezes interna, às vezes externa que é mais que o pensamento e a sensação?"³

Para melhor compreensão do tema, faz-se necessário definir culpa, na sua diversidade de sentidos.

¹ Esta visão antropológica do ser humano foi defendida pelo reformador Lutero. Lutero entendia o ser humano como justo e pecador; como capaz de fazer coisas boas e ruins. LUTERO, Martim. *Ética cristã: das boas obras*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1999. p. 20s.

² Todas as referências bíblicas referidas ao longo desta pesquisa foram extraídas da tradução de João Ferreira de Almeida. A BÍBLIA sagrada: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª Ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

³ SINGH, Kalu. *Culpa*. Trad. Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005. p. 34.

1.1 Conceitos de culpa

A culpa é um sentimento que paralisa. Situações no cotidiano dos seres humanos, que não acontecem conforme o esperado, ou algo não dá certo, ou então foge do que é normalmente aceito, são motivos que podem desencadear o sentimento de culpa.

Segundo o Dicionário Aurélio, culpa tem os seguintes significados:

Culpa. [do lat. culpa]. S.f. 1. Conduta negligente ou imprudente, sem propósito de lesar, mas da qual proveio dano ou ofensa a outrem. 2. Falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético. 3. Delito, crime, falta. [omissis] 4. Transgressão de preceito religioso; pecado. 5. Responsabilidade por ação ou por omissão prejudicial, reprovável ou criminosa [omissis]. 6. Jur. Violação ou inobservância duma regra de conduta, de que resulta lesão do direito alheio.⁴

Amanda Rainha na sua dissertação intitulada: *Estudo do Sentimento de Culpa na Teoria Freudiana*, define da seguinte maneira o conceito de culpa:

Mas o que é Culpa? Podemos conceituar a culpa como uma acusação ou auto-acusação, por um crime ou uma falta ou ato inadequado, reais ou imaginários. Este conceito tem vários “ou” o que é uma evidência de imprecisão. Mas imprecisão é uma constante neste tema tão antigo quanto conflituoso.⁵

Referenciando as múltiplas abordagens, que podem estar relacionadas com o tema, o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa apresenta as seguintes concepções da palavra culpa:

1) Responsabilidade por dano, mal, desastre causado a outrem; 2) Falta, delito, crime Ex.: grande é a c. de quem furta. 3) Atitude ou ausência de atitude de que resulta, por ignorância ou descuido, dano, problema ou desastre para outrem. 3.1) Rubrica: termo jurídico. No direito civil, falta contra o dever jurídico, cometida por ação ou omissão e proveniente de inadvertência ou descaso. 3.2) Rubrica: termo jurídico. No direito penal, ato voluntário, proveniente de imperícia, imprudência ou negligência, de efeito lesivo ao direito de outrem. 4) fato, acontecimento de que resulta um outro fato ruim, nefasto; consequência, efeito Ex.: a inflação é c. da dolarização da economia. 5) consciência mais ou menos penosa de ter descumprido uma norma social e/ou um compromisso (afetivo, moral, institucional) assumido livremente. 6) Rubrica: psicologia. Emoção penosa (de auto-rejeição e desajuste social) resultante de um conflito (p.ex., entre impulso,

⁴ CULPA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 230.

⁵ RAINHA, Amanda Tardivo. *Estudo do Sentimento de Culpa na Teoria Freudiana* (1892-1924). Dissertação (mestrado em psicologia), Pós Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013. p. 16.

desejo ou fantasia e as normas sociais e individuais). 7) Rubrica: religião. Transgressão de caráter religioso e/ou moral; pecado.⁶

Pode-se perceber, dentre as várias concepções acima citadas, que a culpa é vista como falta, omissão, responsabilidade, emoção e transgressão, e que os autores dividem a mesma dúvida sobre as formas de manifestação da culpa. A culpa é interna ou externa? É uma imposição ou é resultado da desobrigação dos seres humanos? A imprecisão do termo faz-nos buscar uma investigação mais aprofundada nas mais variados ramos do conhecimento.

De acordo com Paula Bandeira a noção de culpa, presente na linguagem vulgar/cotidiana e no âmbito jurídico, ainda é, nos dias atuais, obscura, confusa e imprecisa. O conceito de culpa, segundo a autora, na sua gênese, ganha feição subjetiva ou psicológica, e, somente depois, contornos objetivos.⁷

Concordando com estes aspectos, Collins afirma que quase todos os fatores desencadeadores do sofrimento humano estão relacionados com a culpa. Nestas duas feições destacadas por Paula Bandeira, Collins explica:

As culpas objetivas ocorrem quando alguma lei é quebrada e o transgressor é considerado culpado, mesmo que não se sinta culpado. Já as culpas subjetivas podem ser consideradas os sentimentos de culpa, de remorso, de vergonha ou auto-condenação, que geralmente surgem quando se pensa ou se faz alguma coisa considerada errada, ou até mesmo quando alguém deixa de realizar alguma ação que possa favorecer o próximo. Este sentimento de culpa vem, inúmeras vezes, acompanhado de desânimo, ansiedade, medo de punição, diminuição de auto-estima e senso de isolamento.⁸

Nesta citação de Collins compreende-se a afirmação de Bruno Medeiros de que o indivíduo nem sempre tem consciência que parte de sua vida pode estar se esvaindo por nutrir a culpa. E ainda ao não perceber que existe uma dicotomia entre o Eu ideal e o que realmente ele é, advindo desta situação. De um lado o desejo e de outro, a realidade, que o faz sentir-se culpado, e com remorso. Sendo que este último pode auxiliá-lo a superar o problema da culpa interior ou conduzi-lo totalmente ao desespero.

⁶ CULPA. In: HOUAISS, Antônio Mauro Villar. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 715.

⁷ BANDEIRA, Paula Greco Bandeira. A Evolução do Conceito de Culpa e o Artigo 944 do Código Civil. *Revista da EMERJ*, v. 11, n. 42, p. 227-249, 2008. p. 228.

⁸ COLLINS apud MEDEIROS, Bruno. *A Relação entre religiosidade Culpa e Avaliação de Qualidade de Vida no Contexto do HIV/AIDS*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba, 2010. p. 38.

Na ótica de Paula Bandeira a noção de culpa psicológica reúne dois elementos essenciais, a saber: “Culpa Inconsciente ou sem previsão, quando o agente não prevê o resultado, que era previsível; e Culpa Consciente ou com previsão: quando o agente prevê o resultado, que era previsível”.⁹ Independente dos elementos que compõem a culpa, é relevante, de acordo com esta autora, que a pessoa não fique procurando culpados para sua dor, mas trabalhe para superá-la. Isto porque, afirma ela, quando se aprende a sentir a própria dor, a encará-la de frente sem temor, tornamo-nos sensíveis à dor do nosso próximo.¹⁰

Dessa forma, a noção de culpa, como afirmado anteriormente no escopo deste capítulo, envolve diversos aspectos, entre os quais: o filosófico, o teológico, o psicológico, além do penal. Para efeito desta pesquisa, serão aprofundados os conceitos de culpa nas esferas filosóficas, antropológicas, psicológicas e sociológicas.

1.2 Diferentes olhares sobre a culpa

Na visão psicológica destacar-se-á o olhar da Psicanálise e a da Psicologia, pois ambas tem suas teorias específicas acerca deste sentimento, um dos fatores dominantes na vida dos seres humanos.

Na visão psicanalítica, Freud teoriza que, aquele que sofre de compulsões e proibições, apresenta comportamento de quem está dominado por um sentimento de culpa. Este decorre de um sentimento *inconsciente* de culpa originado em eventos passados e vivenciados pelas tentações, resultante de cada nova provocação.¹¹ No domínio da Psicologia, a culpa é abordada de forma distinta e por diferentes modelos teóricos, segundo Lílina Pinto, entre os quais: O Cognitivo-Comportamental; neste modelo pode-se observar o sentimento de culpa como teoria racional emotiva e a teoria de reestruturação; Na fenomenologia, que, para a compreensão do sentimento de culpa, destaca a importância da observação dos fenômenos individuais; e a Gestalt, que procura explicar como o resultado das trocas ocorridas entre a relação da pessoa com o meio, a fêmea vai ter uma imagem de si

⁹ BANDEIRA, 2008, p. 228.

¹⁰ BANDEIRA, 2008, p. 228s.

¹¹ PINTO, Lílina. O Sentimento de Culpa e as Implicações no Processo Psicoterapêutico. *Interações*, Coimbra, n. 9, p. 156-161, 2005. p. 157. Disponível em: <www.interacoesismt.com/index.php/revista/article/download/173/179>. Acesso em : 30 abr. 2014.

mesma, e, por conseguinte, nesta fronteira de contato, surge a culpa. Isto porque a observação dos comportamentos do indivíduo nesta teoria, deve-se a um contexto globalista.¹²

Ronaldo Pedrosa, no capítulo seis da sua obra *Culpa, sem Culpa?*, lembra que diversas áreas da ciência jurídica tratam da análise da culpa, porém, “respeitando os princípios que diferenciam os ramos específicos, como o Direito Penal, o Trabalhista, o Civil e outros, pois cada um tem seu enfoque particular para a culpa”.¹³

Recorrendo a Paul Ricoeur, citado por Rosa Martini para a construção do olhar antropológico da culpa, o referido autor, no seu texto *Finitud y Culpabilidad*, afirma que “o ser humano não se entrega ao mal por ser essencialmente mau, porém, por ser livre e consentir no mal e, pelo fato de sentir-se culpado, e mais, que a consciência de culpa é presente nos três deslumbre do tempo: presente, passado e futuro”.¹⁴

Quanto à culpa no olhar sociológico, Deomara Garcia afirma que “a própria cultura é avassaladora da individualidade e, de certa forma, a sociedade nos mata”.¹⁵ A autora refere-se ao fato das pessoas sentirem-se culpadas por não ter emprego, por exemplo; não ter apartamento; não ser esbelto e atraente, como impõe os padrões sociais. Isto faz com que os indivíduos se sintam fracassados, e procurem manter a aparência como se fossem culturalmente ou profissionalmente bem sucedidos.

¹² PINTO, 2005, p. 159.

¹³ PEDROSA, Ronaldo Leite. *A culpa sem culpa?* 9 jul. 2008. p. 1. Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/institucional/dir_gerais/dgcon/pdf/artigos/direi_penal/a_culpa_em_culpa.pdf>. Acesso em: 1 maio 2014.

¹⁴ RICOEUR apud MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. Buscando, na obra de ricoeur, indícios de uma antropologia e seu significado para a educação. In: ANPED SUL (Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul), 9, Caxias do Sul. *Anais do IX ANPED Sul*. Caxias do Sul: UCS, 2012. p. 3. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3212/939>>. Acesso em: 2 maio 2014.

¹⁵ GARCIA, Deomara Cristina Damasceno. *Transgressões Humanas: pecado e sentimento de Culpa*. 2006. p. 13. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0313.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

1.2.1 Culpa na Perspectiva Filosófica

No estudo da essência das coisas, dos fatos e do ser, a filosofia oportuniza analisar de forma profunda o sentimento da culpa, um dos fatores dominantes inerentes aos seres humanos.

Ícaro Farias, num artigo intitulado *Memória, Culpa e Ressentimento em Nietzsche*, faz um estudo sobre a interiorização gradual do ressentimento e da culpa a partir da Genealogia da Moral de Nietzsche. A origem desses sentimentos, segundo Nietzsche, está vinculada a um valor moral que ele chama de “Moral Escrava”, caracterizada pela busca de um culpado, de alguém responsável por sua fraqueza, por seu desgosto, desprazer e ódio, mesmo que imaginários. Ainda segundo este autor, este poder “possibilita a exteriorização dos afetos negativos, e por isso não fica prisioneiro no rancor”.¹⁶

Entretanto, Navarro Cordón aduz que o modelo de pensamento da alma ressentida vê no outro um culpado pela sua desgraça e sofrimento e exige raciocínio de causa e efeito. Quando essa causa se interioriza, pode-se conceber o acabamento da estrutura de culpabilidade, em que o ser humano, em sua interioridade, experimenta-se como um animal culpado.¹⁷

Percebe-se que os indivíduos, segundo Marly Perrelli, “passam a vida errando e se desculpando; outros se colocam como vítimas dos atos errôneos dos outros, e culpando-os.” Outros, ainda na visão da autora, “não fazem nada ou em tudo que realizam são considerados culpados; e outros, para justificarem seus próprios erros, nos culpam”¹⁸.

Estes sentimentos, que, muitas vezes, impedem o ser humano de ser ele mesmo, como que anulando seu eu, vem a corroer a sua alegria, a alma, e apresentam-se de formas variadas e quase inesgotáveis. De acordo com Rosemeire

¹⁶ FARIAS, Ícaro Souza. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. *Revista Húmus*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 7, p. 122-130, 2013. p. 123.

¹⁷ NAVARRO CORDÓN, J. M., Nietzsche: de la libertad del mundo. In: *Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía*, 23. Edición de José Luis Villacañas Berlaga, “La filosofía del siglo XIX”. Madrid: Editorial Trotta – CSIC, 2001. p. 33s.

¹⁸ PERRELLI, Marly. Sentimento de culpa leva à auto-punição. *Jornal Aconteceu*, São Mateus do Sul, 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://jornalaconteceu.com.br/index.php/colunas/9-colunas/2264-sentimento-de-culpa-leva-a-autopunicao->>. Acesso em: 26 mar. 2014.

Zago, a culpa surge por vários fatores: religião; morte; manipulação; crítica; regras; acusações; repressão; rigidez; inflexibilidade; julgamento; controle; dependência; superproteção; raiva; medo; rejeição; abandono; abusos; mentira; prazer; felicidade; dinheiro; sucesso; expectativa; comparações; necessidade de agradar; comodismo/falta de atitude; sentimentos de impotência; preconceito; segredos, principalmente entre os familiares¹⁹.

Em relação à origem da culpa, Nietzsche afirma que “a Culpa e a má consciência têm origem na responsabilidade [...]” Ou seja, “[...] na capacidade de prometer, de infundir confiança na palavra empenhada”.²⁰ Esse valor, segundo Nietzsche, origina-se da dúvida que nasce entre credor e devedor. Aquele que é detentor do crédito passa a maltratar, torturar ou mesmo matar aquelas pessoas quem a ele devem, pois, na ótica de Nietzsche, o ser humano justo acredita que a justiça está na compensação através da crueldade. Continuando a compreensão sobre a interiorização gradual da culpa em Nietzsche, o filósofo assevera que para a criação e manutenção da culpa, é imprescindível um elemento que a preceda: “Uma prodigiosa memória”.²¹

No entanto, o filósofo assevera que a má consciência não termina nas relações jurídicas e contratuais. No seu entender, a suposição religiosa que alimenta a crença de um Deus que se sacrificou em favor da humanidade dá origem a uma nova culpa. Surge à dívida do ser humano para com Deus. O ser humano na fraqueza e incapacidade em pagar essa dívida, transformou sua vida em um sacrifício, num eterno martírio. Apartir daí instalou-se a culpa, em face de uma dívida impagável.²²

1.2.2 Culpa na Perspectiva Antropológica

A palavra *ser humano*, segundo Menezes, tem duas origens: “*Anthropos*, do grego, rosto de varão, termo como característica de valor, virtude e qualidade, e, do

¹⁹ ZAGO, Rosemeire. *Sentimento de Culpa leva à autopunição*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/vyaestelar/culpas.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

²⁰ NIETSCHE apud FARIAS, 2013, p. 123.

²¹ NIETSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral* – uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 22s.

²² NIETSCHE, 1998, p. 30s.

latim húmus, que significa terra”.²³ A Antropologia estuda o ser humano em vários aspectos: cultural, físico, social, estrutural e filosófico, entre outros. Várias correntes procuram estudar os humanos, desde sua gênese. Assim, surgiu o evolucionismo de Lamark, Darwin, e vários outros teóricos, que procuram analisar ou estudar o ser humano.²⁴

De acordo com os fatos psíquicos, os indivíduos exprimem sensações, percepções, recordações, pensamentos, entre outros, sendo estes elementos, parte interior de cada indivíduo. Estes fatos psíquicos podem ser cognitivos ou da vontade, onde os primeiros referem-se às percepções, recordações, etc e os da vontade, aqueles que o indivíduo dá respostas as coisas conhecidas, sempre em atos voluntários. A culpa, tema em destaque, segundo a Antropologia, pode ocorrer na teia das relações estabelecidas pelos seres humanos. Neri Carneiro afirma a este respeito: “à nossa volta, no espaço de algumas gerações, laços econômicos, e culturais de toda espécie se estabelecem e se vão multiplicando em progressão geométrica”.²⁵

Apesar do ser humano desenvolver os laços culturais, ter consciência de si e do mundo que o cerca, ainda é um ser complexo. Segundo Neri Carneiro ele é insatisfeito, sentimento adquirido por ter a capacidade de pensar e fazer escolhas. Esta questão é analisada por Mondin, que assevera:

Eis uma constatação indiscutível: o ser humano é uma realidade extremamente complexa. Isso é Verdade, antes de tudo, na ordem das ações. Ele exerce atividades, de todo gênero: conhece, estuda, escreve, fala, trabalha, joga, reza, canta, ama, sofre, diverte-se, come, etc. E cada uma destas atividades suscita questões e problemas de difícil solução. Mas a complexidade acentua-se ainda mais quando se passa do plano da ação ao do ser. Então nos perguntamos: quem é este indivíduo singular que chamamos. Eu e que qualificamos como pessoa? O que é que permite a seu corpo explicar as mencionadas atividades, muitas das quais transcendem tão abertamente os confins da materialidade?”²⁶

Esta afirmação remete-nos a seguinte percepção: O ser humano é um enredado de problemas. Estes ocorrem porque não se satisfazem e, assim, se

²³ MENEZES, Ricardo. *O Homem e Sua Realidade*. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/filosofia/o-homem-e-sua-realidade>. Acesso em: 3 maio 2014.

²⁴ MENEZES, 2014.

²⁵ CARNEIRO, Neri de Paula. *Uma Antropologia da Cultura II: O homem, que realidade é essa?* Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/filosofia/uma-antropologia-cultura*ii-homem-que-realidade-essa.htm>. Acesso em: 3 maio 2014.

²⁶ MONDIN apud CARNEIRO, 2014.

aventuram em novas experiências com o intuito de modificar o que circunda. A partir deste comportamento, a culpa pode ser estabelecida. Dessa maneira, Menezes aduz que, para conhecer o ser humano é preciso não esquecer que ele é pensante, o que o torna apto a manipular o mundo em que se insere e, assim, nas suas relações, agir de forma que não desenvolva a culpa:

Ressaltemos que o **Pensar** não é só o que se entende etimologicamente: capacidade de pesar, avaliar. Pensar refere-se também à capacidade de fazer escolhas o que implica em ser capaz de agir consciente e responsabilmente – ponto de partida para a criação da moral. Aliás, o Ser humano avalia, justamente, para fazer escolhas e poder agir. Portanto o Ser humano é aquele que avalia e escolhe, e faz isso a partir de um processo reflexivo que exige uma postura introspectiva e ativa. A introspecção deriva da capacidade de abstração, capacidade de representar todas as realidades; e a ação resulta da consciência, sabendo o que e porque realiza o que faz. Na verdade quando dizemos que o Ser humano é capaz de pensar pretendemos afirmar que ele é capaz de se comunicar a respeito das realidades com as quais não está em contato imediato. Ele pode representá-las, mentalmente no processo de reflexão/abstração. Essa representação pode ganhar as mais diferentes formas, desde a artística, como a música, até as ciências e a religião; tudo o que recebe a classificação de cultura.²⁷ [grifo do autor].

Além da característica principal do ser humano que é o pensar, outra, apontada por Nietzsche, é a maldade. De acordo com este autor, o ser humano sente-se ao ver o seu semelhante sofrer, e mais ainda, fazer sofrer faz bem, porque, até hoje o ser humano não aprendeu a ver o outro como a si mesmo, inclusive na condição que colocam todos no mesmo nível: a de sentirem-se culpados.

1.2.3 Culpa na Perspectiva Psicológica

No decorrer dos tópicos anteriores, a noção de culpa foi abordada na perspectiva filosófica e antropológica, sempre analisando suas causas e conseqüências, proporcionando melhor compreensão deste sentimento que assola toda humanidade. Aqui, abordar-se-á a culpa na perspectiva psicológica. Iniciando com o enfoque psicanalítico, cuja perspectiva apresenta a culpa como alvo de uma atenção especial e particular. O princípio referencial aqui é de Freud.

A culpa tem grande importância na obra freudiana. Freud idealiza uma onipresença da culpa, manifesta de variadas formas e basicamente inexprável. Para

²⁷ MENEZES, 2014.

ele, a culpa é o problema maior no desenvolvimento da civilização em suas diversas etapas, desde sua gênese, que vai da angústia social ao sentimento de culpa.

Freud, fazendo um paralelo entre culpa e angústia, dá o seguinte conceito para a culpa: “O sentimento de culpa nada mais é do que uma variedade topográfica da angústia”²⁸. Percebe-se, a partir deste conceito que Freud procura explicar a desproporção existente entre a culpa e as ações cometidas, como nos casos de “criminosos em conseqüência do sentimento de culpa, buscando fora dos limites estritos de seu campo as origens dessa culpa que supõe universal, nas origens da humanidade, na origem da cultura”.²⁹

Deomara Garcia afirma que de acordo com a visão psicanalítica, o indivíduo vive num conflito permanente entre o que ele gostaria de ser, num Eu ideal, e, o que ele realmente é, o Eu real, dicotomia responsável pelo sentimento de culpa pelo fato de ser o que não se é. Instala-se, portanto, a culpa existencial.³⁰ Kalu Singh, no prólogo de sua obra *Conceitos da Psicanálise: Culpa*, chama a atenção para a definição de culpa. Ele afirma que “a culpa ‘consome’, dando-se a ela um sentido de algo interno e inacessível, que ataca o sujeito inexoravelmente”.³¹

Para melhor compreensão da afirmação de Kalu Singh, Garcia procura a explicação para esta culpa avassalante do ser humano:

Cada angústia humana tem um “de que”, do qual ela tem medo e um “pelo que”, pelo qual ela teme. Cada culpa tem um “o que que ela deve” e um “credor” ao qual ela está devendo, ou seja, trata-se de uma dívida, onde “eu devo alguma coisa para alguém”. Como a culpa é aquilo que carece e falta, a essência da culpabilidade humana só pode ser entendida face à plenitude e realização da existência humana. Nesse sentido é preciso saber sobre nossas compreensões psicológicas e médicas da condição total da essência humana. Principalmente, porque o ser humano se mostra como sendo aquele ser do qual o nosso mundo precisa e necessário para poder aparecer e poder ser. É este se deixar necessitar que o ser humano “deve” àquilo que “é” e que “há de ser”. É por isso que todos os sentimentos de culpa baseiam-se neste ficar-a-dever, que é a culpabilidade existencial do ser humano.³²

²⁸ FREUD apud RINALDI, Dóris. *Culpa e Angústia: algumas notas sobre a obra de Freud*. p. 5. Disponível em: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_Culpa_e_Angustia_%20notas_obra_Freud.doc>. Acesso em: 2 maio 2014.

²⁹ RINALDI, 2014, p. 8.

³⁰ GARCIA, 2006, p.12s.

³¹ SINGH, 2005, p. 35.

³² BOSS apud GARCIA, 2006, p. 12.

Assim, destaca-se que a culpabilidade humana não é apenas psicológica e que pode ser extinta com análise, “é essencialmente culpado numa condição vitalícia, pois, no caso da religião, por exemplo, por mais que obedeça a seus Deuses ou a seu Deus, continuará com medo dos castigos do inferno”.³³

Na visão de Freud, a religião, a moralidade e um senso social são elementos que colocam o ser humano como superior, mas que se constituem numa só coisa; foram adquiridos a partir do complexo paterno, ou seja, a religião e a repressão moral, para superar o complexo de Édipo. Além do sentimento moral, para superar a disputa que perdurou entre os membros das gerações mais novas.³⁴ Segundo Dóris Rinaldi é em *Totém e Tabu* que Freud aborda a questão da culpa através de um mito. Neste, ele teoriza que o advento da cultura é fruto de uma violência primordial. Na sua ótica, o pecado original é um crime, o parricídio, “ato memorável que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religiosidade”.³⁵ Neste texto o autor entende que a culpa encontra sua origem no retorno do amor sob a forma do remorso. Portanto, segundo Freud, o amor está na origem da consciência moral, inevitavelmente acompanhado pelo sentimento de culpa.

Dóris Rinaldi explica a teoria de Freud sobre a origem da culpa da seguinte maneira:

Para Freud, isto se deve à ambivalência emocional em relação ao pai, onde coexistem duas correntes: a corrente agressiva que se manifesta através do parricídio, e a corrente afetuosa, que surge como remorso. Amor e ódio estão assim conjugados na fundação do lado social, ou como indicará mais tarde, a sociedade é perpassada pelo conflito pulsional onde se confrontam pulsões de vida e pulsões de morte.³⁶

Sendo assim, a partir de Dóris Rinaldi, compreende-se que, para Freud, há uma herança da culpa, explicado pelo sentimento de culpa nas contradições e inibições da neurose obsessiva, na autodepreciação e melancolia, na resistência que o indivíduo apresenta na terapia como recurso para a autopunição. Além disso, segundo Freud, este comportamento tem origem na relação ambivalente, com o pai.

³³ BOSS apud GARCIA, 2006, p.15.

³⁴ RINALDI, 2014, p. 5s.

³⁵ RINALDI, 2014, p. 5.

³⁶ RINALDI, 2014, p. 5.

Estaria dessa forma, no Complexo de Édipo, os dois crimes humanos, o parricídio e o incesto, fontes obscuras do sentimento de culpa de toda humanidade.³⁷

Pesquisando nas obras destes diversos autores referenciados, entende-se que Freud, na obra *Totem e Tabu*, explica que o “pecado” continuamente age em cada ser humano desencadeando nele o sentimento de culpa pelo assassinato do pai. Segundo Freud, de forma inconsciente, o ser humano revive o complexo de Édipo. Ou seja, pelo desejo do filho de possuir a mãe e a interdição do incesto pelo pai. O pai deve ser eliminado porque é rival, porém, é importante lembrar que este pai não é real. A eliminação refere-se ao pai porque ele interditou o incesto. O filho, portanto, introjeta esta interdição que vai dar origem, segundo Freud, ao Superego; uma das instâncias da personalidade, onde a culpabilidade será identificada como angústia por haver transgredido uma interdição.

Dóris Rinaldi, analisando a obra *O Ego e o Id*, afirma que Freud sugere que o sentimento de culpa surge simultaneamente com o Superego, originado no Complexo de Édipo. E ainda que este sentimento articula-se entre a vida individual e o convívio social e que é imprescindível para a formação cultural do indivíduo.³⁸

Como afirmado anteriormente, a culpa, na maioria das obras de Freud, está presente. Contudo, é no artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas* de 1907, segundo Pinto, que Freud afirma que, por trás dos rituais e cerimoniais próprios da prática religiosa e da neurose obsessiva, encontra-se um sentimento que ele chama de sentimento inconsciente de culpa. No entanto, esta visão da culpa, tendo como origem a prática religiosa, será abordada no capítulo seguinte.³⁹

O conceito de culpa, na área da psicologia, segundo Pinto é abordado de modelos teóricos diferentes, onde a teoria cognitivo-comportamental condensa linhas de pensamentos. Estas correntes valorizam os processos cognitivos e outras destacam os comportamentos como elementos fundamentais para entender a estrutura mental do ser humano. A primeira defende o sentimento de culpa como teoria racional emotiva, a outra corrente defende que “o comportamento deve ser estudado à luz de todas as crenças e atitudes desadaptativas que determinam”. E ainda, segundo a autora, os teóricos asseveram que “a existência de um estímulo

³⁷ RINALDI, 2014, p. 8s.

³⁸ RINALDI, 2014, p. 8s

³⁹ PINTO, 2005, p. 159.

(interno ou externo), são ativadas estruturas cognitivas desenvolvendo desde a infância, que determinam a forma como a informação é tratada cognitivamente”.⁴⁰ Liliana Pinto explica que, no quadro deste modelo, a culpa é o resultado de uma forma distorcida de ver o mundo, associada à atuação de um conjunto de alterações cognitivas que intervêm nesse processo de percepção da realidade.

A linha fenomenológica da culpa destaca a importância dos fenômenos individuais associada às experiências de vida do ser humano, ou seja, como um fenômeno consciente e observável. Alguns teóricos, a exemplo de Henry Ely, afirma Lilian Pinto, apresentam uma visão mais humanista da culpa; neste sentimento adquire caráter patológico e significativo, funcionando como um bloqueio no desenvolvimento psíquico e na personalidade do indivíduo.⁴¹

Na teoria Gestalt, o comportamento do indivíduo é visto de forma global. Segundo Liliana Pinto, “de acordo com esta teoria a pessoa constrói sua imagem, a partir da relação que ela mantém com o meio onde vive chamada de experiência subjacente”.⁴² Assim, os pensamentos e as emoções são constituídos por esta forma de troca pela forma fronteira de contato, e a culpa origina-se neste limite e causa profundas alterações no indivíduo, na percepção e apresentação de si mesmo, condicionada pelo sentimento de culpa vivenciado.

1.2.4 Culpa na Perspectiva Sociológica

O ser humano, em todas as suas épocas, desde o útero até o último suspiro, está organizado em agrupamentos geográfica e historicamente coerentes: família, classe, comunidade, nação. Assim, um ser humano é, em qualquer época, um organismo, um ego e um membro da sociedade, e está envolvido nos três processos de organização. Seu corpo está exposto à dor e tensão: se ego, à ansiedade e, como membro de uma sociedade, é suscetível ao pânico que emana de seu corpo.⁴³

Na proposta de estudar a culpa no processo de desenvolvimento humano, especialmente no que se refere à dimensão social, esta afirmação é pertinente, porque o autor não só aponta as diferenças, mas faz referência a influência do social na personalidade. Pisani elucidando sobre a trajetória evolutiva do ser humano afirma: “Longa e sofrida, marcada por momentos cruciais e decisivos, que, de modo

⁴⁰ PINTO, 2005, p. 157.

⁴¹ PINTO, 2005, p. 159.

⁴² PINTO, 2005, p. 159.

⁴³ PISANI, Elaine Maria et al. *Temas de Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 20.

geral, estão relacionadas à qualidade das interações entre uma pessoa e o seu meio social”.⁴⁴

Dessa forma, pensando no sentido social, a culpa pode se tornar, então, uma espécie de fuga da angústia, gerada por estas interações, contendo todos os desejos pessoais do indivíduo. Dany-Robert Dufour afirma que a sociedade contemporânea está presenciando uma destituição subjetiva. Isto significa que, na teoria do autor, é impossível para o ser humano manifestar-se numa espacialidade ou temporalidade suficientemente ampla, porque ele está sem referências que possam fundamentar uma anterioridade e uma exterioridade simbólicas, visto que a moral não tem mais legitimidade, está em declínio.⁴⁵

Diante do declínio moral, compartilhando com a teoria de Dufour, Antônio Araújo afirma que a sociedade pós-moderna se intitula livre. Sentimento que mais se destaca como um dos maiores valores históricos e filosóficos cultivados pela humanidade é a liberdade, literalmente, para a personalidade culposa, depende continuamente da autorização do outro. Assim, “o tipo de personalidade, construída na interação social, dependendo da culpa, mágoa ou ódio que carrega, é o que vai caracterizar se é uma pessoa submissa, rebelde, introvertida ou extrovertida”.⁴⁶

A evolução social compreende a transformação e é inerente ao ser humano. Portanto, não se consegue prever o rumo da humanidade, contexto incerto, mas que torna possível supor que a culpa, segundo o pensamento de Antônio Araújo, sofrerá uma desvalorização. Com isso, não perdurará como protótipo fundamental da existência. Este pensamento de Araújo encontra suporte na inovadora teoria de Winnicott:

Se o lugar em que vivemos nunca deixa de ser este espaço intermediário, espaço de criação e de experiência, o sentimento de culpa pode não mais ser pensado em termos de introjeção e projeção, mas pertencente a este

⁴⁴ PISANI, 1994, p. 23.

⁴⁵ LÉON DUFOUR. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Dufour>. Acesso em: 25 abr. 2014. “Léon Jean Marie (ou Jean-Marie Léon) Dufour (Saint-Sever, Landes, 11 de abril de 1780 — Saint-Sever, 18 de abril de 1865) foi um médico e naturalista francês”.

⁴⁶ ARAÚJO, Antonio Carlos Alves de. *Culpa e Insegurança na nossa Vida*. Disponível em: <http://antonioaraujo_1.tripod.com/psico1/portugues/culpa/culpa.html>. Acesso em: 4 maio 2014.

lugar intermediário que provoca a criatividade, a criação, a experiência, enfim, toda dimensão afetiva.⁴⁷

Analisando esta visão “Winnicottiana” de culpa numa visão social não seria reconhecida pelo conflito, sentimento inevitável de mal-estar, ou de um indivíduo proibido, castrado, que sofre para controlar seus instintos almejando um equilibrado convívio social, mas por uma visão criadora, para um outro espaço, ou outro mundo. Seria, ao contrário do que a teoria psicanalítica prega, uma sociedade cuja gênese não está na culpa. É certo que todos necessitam refletir sobre suas ações e suas vivências diárias, principalmente no que se refere ao lado emocional. Cotidianamente, o impacto afetivo e social deve ser analisados sob pena de desenvolverem-se condutas contrárias e advir a partir daí a culpa. E mais, se realmente vive-se numa sociedade livre, pode surgir um dilema: Como as ações podem valorizar o indivíduo ou desencadear angústia ou depreciação na sua imagem?⁴⁸

Na Análise Comportamental do sentimento de culpa, Hélio Guilhardi relaciona exemplos deste sentimento avassalador, interiorizado e manifestado na rotina do ser humano pós-moderno:

Não consigo me divertir durante os feriados, pois fico o tempo todo pensando que deveria estar estudando [...]. Não vejo graça nenhuma nesta festa, pois sei que meu pai está aborrecido comigo por eu ter vindo [...]. Sinto-me bem com a droga, mas depois não consigo nem olhar para minha família [...]. Preciso parar com estas aventuras fora do casamento, só prejudico pessoas que me querem bem [...]. Não vejo a hora de chegar em casa, o trabalho excessivo me impede de ver o crescimento de meus filhos [...]. Só depois penso no que fiz, parece que sou movido por sentimento de culpa! É tão difícil entender que sentimento não causa comportamento.⁴⁹

A resposta vem de Winnicott, pois o mesmo afirma que a existência de um meio eficientemente bom é necessária para o desenvolvimento do psiquismo e para a possibilidade de lidar com a culpa de maneira positiva, ou seja, o teórico valoriza

⁴⁷ GOLDENBERG, Fernanda. É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 105-118, 2009. p. 112. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 maio 2014.

⁴⁸ GOLDENBERG, 2009, p. 13s.

⁴⁹ GUILHARDI, Hélio J. Análise comportamental do sentimento de culpa. In: Teixeira, A. M. S. et al (Eds.). *Ciência do Comportamento - conhecer e avançar*. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 173-200, à p. 173.

as saídas criativas no lugar do determinismo psicológico. Este traz contribuição para a reflexão sobre a sociedade contemporânea e suas transformações.⁵⁰

Dessa forma, o indivíduo contemporâneo deve refletir sobre que tipo de mundo está presente na maioria de seu íntimo, se é um mundo de dor, sofrimento, medo, ódio, prazer, diversão ou outra coisa. É essencial que o indivíduo que está sendo magoado não se deixe levar pela tendência de imitar, e passar a agir mal com o agressor, com ele próprio e com os outros. Araújo assegura que “a compreensão do tipo de sentimento ou sensação que mais nos atormenta é o primeiro passo para tentar se libertar do mesmo”.⁵¹

Diante do exposto, na visão “Winnicottiana”, percebe-se que a dúvida, a crítica e o medo da opinião daqueles que convivem em nosso meio formam a base da manifestação da culpa. Se todos aprendessem a dividir, os resultados seriam diferentes porque reforçaria a estima, sabendo que cedo ou tarde cada um teria que lidar com a questão da culpa em algum nível de sua vida.⁵²

Compreende-se, também, que, na ótica de Joel Birman, a psicanálise na contemporaneidade parece não se adequar aos imperativos da realidade de um mundo exibicionista, fundada numa cultura narcisista, onde as relações humanas ganham características perversas. Isso porque não se encara mais o outro como a si mesmo, mas apenas como objeto para o usufruto. A culpa, segundo o referido autor, “entra em desvalorização, pois se ela era responsável em restringir as pulsões, agora, o ser humano livre, pode e é orientado a descarregá-las”.⁵³ Assim, fica evidente, através de Winnicott que é decisivo a participação do espaço intermediário, espaço de ilusão, cenário da integração egoica e, portanto, da constituição subjetiva, destacando a natureza criativa desse processo, em todas as culturas.⁵⁴

⁵⁰ GOLDENBERG, 2009, p. 13s.

⁵¹ ARAÚJO, 2014.

⁵² GOLDENBERG, 2009, p. 15s.

⁵³ BIRMAN apud GOLDENBERG, Fernand; JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação. *Cadernos psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 105-118, 2011. p. 112. Disponível em:< http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24_pdf/20_CP_24_E_POSSIVEL_UMA_SOCIEDADE_SEM_CULPA.pdf> Acesso: 3 maio 2014.

⁵⁴ GOLDENBERG, 2009, p. 16.

2 CULPA NA PERSPECTIVA RELIGIOSA

Ao longo da história, a espiritualidade tem acompanhado o ser humano. As pessoas religiosas interpretam os eventos que ocorrem nas suas vidas na perspectiva de sua crença, o que dá origem a religiosidade.⁵⁵

Hulda Stadtler⁵⁶, Edenio Valle⁵⁷ e Geraldo Paiva⁵⁸ afirmam que a religiosidade constitui-se como aspecto relevante para a experiência do ser humano, visto que seus ensinamentos e suas atividades fazem parte da cultura, funcionam como base de julgamento, escolhas e comportamentos, formando “um fenômeno social e cultural”.

Em relação à culpa na perspectiva religiosa, entende-se que assume características próprias dentro de cada credo. Neilson Brito, aventando sobre a culpa na perspectiva religiosa afirma que “ela tem marcado com muita dor, a caminhada de muitos” e que para “escapar da culpa, da vergonha e do escândalo, muitos homens tomam providências inúteis”.⁵⁹ Diante deste contexto, torna-se relevante o esclarecimento do ser humano, quanto às suas ações consideradas transgressões dentro da religião que confessa, para melhor compreensão da culpa, de si e de novos caminhos para o aperfeiçoamento de sua personalidade.

2.1 Culpa nas religiões

A influência da religião, como elucidado acima, manifesta-se na cultura, no social e comportamental do ser humano. Segundo Singh, ela influencia na constituição do indivíduo.⁶⁰ Nesta ótica, as pessoas religiosas adquirem, segundo Edênio Valle, um sentimento de autopercepção, ou seja, ela envolve a ação de afirmação ou de negação em relação a questões extremamente concreta, que chega

⁵⁵ A religiosidade é uma qualidade do indivíduo que é caracterizada pela disposição ou tendência do mesmo, para perseguir a sua própria Religião ou a integrar-se às coisas sagradas.

⁵⁶ STADTLER, Hulda. Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 112-135, 2002. p. 112s.

⁵⁷ VALLE, Edenio. Neurociências e religião: interfaces. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 3, p. 1-46, 2001.

⁵⁸ PAIVA, Geraldo José de. Psicologia Cognitiva e Religião. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n.1, p. 183-191, 2007.

⁵⁹ BRITO Neilson Xavier de. Culpa e seus desdobramentos no processo de ajuda. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 32, p. 57-85, set./dez. 2013. p. 69. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/1125/1064>>. Acesso em: 8 maio 2014.

⁶⁰ SINGH, 2005, p. 32s.

a modificar a personalidade do sujeito.⁶¹ No ponto de vista psicanalítico, esta modificação da personalidade, dá-se com o sentimento de culpa, criado pelo confronto com o superego, ou seja, a culpa advém do confronto das inter-relações na sociedade, família, religião, amigos, etc. Neste confronto, o que acontece na realidade do indivíduo não está dentro de suas expectativas.

O pensador Kierkegaard, citado por Iuri Reblin, afirma que estas expectativas não alcançadas tornam os indivíduos angustiados, levando-os a revolta, a querer conquistar uma liberdade. Viver sem a influência religiosa. Porém, o que fazem é converter toda esta forma de reflexão em culpa:

[...] a angústia é a vertigem da liberdade. Vertigem que surge quando o espírito, ao querer colocar a síntese, a liberdade fixa os olhos no abismo de sua própria possibilidade e lança mão da finitude para sustentar-se. Nesta vertigem, a liberdade cai desmaiada. [...] No mesmo instante, tudo se modifica e quando a liberdade ergue-se novamente vê que é culpada. Entre estes dois momentos está o salto que nenhuma ciência explicou nem pode explicar. A culpa daquele que se torna culpado no meio da angústia é ambígua até não poder mais [...].⁶²

Alírio Filho também empresta sua opinião sobre a culpa, originada no desejo de liberdade.

Nós temos em nossa consciência, um espaço de liberdade e discernimento a nos implicar em nossas ações e escolhas. Porém o inconsciente se interliga ao consciente de forma inextricável e constitutiva da consciência. Isso nos leva ao raciocínio de que nossa liberdade é apenas parcial no que se refere às nossas condutas. Muito daquilo que denominamos pecado é na verdade limitação histórica, falta de cuidados recebidos, falta de amor que acirra nossa destrutividade e culpa inconsciente, e não pecado.⁶³

É imprescindível abordar a culpa porque ela impulsiona o ser humano a um novo estado, e o acompanha na sua realidade, nas decisões e nas situações, principalmente, se elas são diferentes daquelas que o indivíduo esperava.

No entanto, refletir sobre a culpa nas religiões não se constitui em uma tarefa fácil, visto tratar-se de um sentimento subjetivo. Com enfoque de diferentes formas, geralmente relacionado à reparação que o ser humano quer fazer em

⁶¹ VALLE, 2001, p. 3.

⁶² KIERKEGAARD apud REBLIN, Iuri Andréas. A Angústia Kierkegaardiana. *Protestantismo em Revista*, v. 15, p. 105-127, maio-ago. 2008. p. 117. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/016/ano07n2_07.pdf>. Acesso em; 2 maio 2014.

⁶³ CERQUEIRA FILHO, Alírio de. *Culpa e Responsabilidade*. Disponível em: <http://www.plenitudeonline.com.br/index.php?paginas_ler&artigos&id=950>. Acesso em: 22 abr. 2014.

relação a sua dívida ou medo de Deus, ou dos deuses, sentimentos sutis que a mente humana não consegue captar. Sobre esta questão, Alírio Filho traz a seguinte elucidação:

Movidas e freadas pela culpa inconsciente, mais vivida na consciência, como pecado, as pessoas se tornam massa de manobra, escravas de líderes carismáticos, de normas e regras farisaicas. E elas passam a tratar o próximo com enorme severidade e rigor, como seus superegos as tratam.⁶⁴

Além do mais, o proselitismo religioso numa realidade de diversidade religiosa que emerge juntamente com a diversidade de líderes e suas formas de perceber o sentimento de culpa, muitas vezes, tira proveito da fraqueza humana. Neste sentido, Bruno Saavedra amplia a discussão sobre esta temática afirmando:

O problema é que, me parece, os pregadores que lançam mão de apelar para o senso de culpa das pessoas são justamente a maioria, e estão a cada dia ficando mais populares. **Dessa forma, não surpreende tantas críticas às igrejas e aos cristãos.** A impressão que alguns têm é que há um foco justamente nesse grupo com “grandes questões emocionais” porque são alvos mais fáceis em virtude da fragilidade em que se encontram.⁶⁵

Nota-se, no cotidiano da sociedade, que há religiões que tentam trabalhar a culpa nas pessoas. Não cabendo julgamento sobre as verdadeiras intenções destas denominações, o que se percebe é que trabalham na ótica do moralismo, do dogmatismo e do fundamentalismo. Ocorre que as pessoas passam a sofrer por uma “culpa irreal”, ou seja, ensinados colocados pelos seres humanos, que, na realidade, não tem nada de ilegal no ato em si. Acontece, porém, que toda culpa é real para aquele que a sente, pois ela transgredir a lei da sua consciência, que é a única lei que realmente é transgredida. Na visão do psiquiatra cristão Paul Tournier existe uma falsa e a verdadeira culpa, por ele assim diferenciadas:

[...] a verdadeira culpa dos homens surge em relação às coisas que Deus lhes reprova no secreto do seu coração. Só eles mesmos podem saber quais são estas coisas. Geralmente são coisas totalmente diferentes daquelas que os homens reprovam. A referência a Deus que a Bíblia nos traz aclara acentuadamente o nosso problema: a “falsa culpa”, em primeiro

⁶⁴ FILHO, 2014.

⁶⁵ SAAVEDRA, Bruno. *Senso de Culpa na igreja*. Abril 2011. Disponível em: <<http://www.questaodeperspectiva.com/2011/04/culpados-e-irracionais.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

lugar, é a que resulta dos julgamentos dos homens e de suas sugestões. A “verdadeira culpa”, é a que resulta do julgamento divino [...].⁶⁶

As pessoas presas à falsa culpa perdem a criatividade, deixam de ser espontâneas, se calam, como explica Alírio Filho:

Estudiosos da área de psicologia e psicanálise, afirmam que a culpa mal trabalhada leva não somente ao excesso de escrúpulos, mas à neurose, precipita doenças, como o pânico, obsessões e graves doenças psicossomáticas. No entanto, a maior catástrofe é a infelicidade crônica e falta de uma qualidade de vida, não importando qual religião o indivíduo seja participante.⁶⁷

Por vezes, essas pessoas adoecem, porque embora suas ações demonstrem uma vida “santa”, por dentro elas se contorcem na maior de todas as dores, a culpa. Assim como escrito nas Escrituras: “Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim” (Sl 51.3).

2.1.1 Judaísmo

Na perspectiva judaica “a culpa assume uma característica muito peculiar ao ensinar que aquilo que o indivíduo escolhe e faz, fará a diferença entre a morte e a vida, entre o fracasso e o sucesso”, afirma Yanki Tauber.⁶⁸ Discorrendo sobre a culpa no judaísmo traz-se a baila uma citação do Torá no texto de Devarim 21.10-25: Quando você construir uma casa, faça um parapeito para o seu telhado; para que você não derrame sangue em sua casa, quando alguém dele cair.⁶⁹

⁶⁶ TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho*. Trad. Rute Silvana Eismann. São Paulo: ABU, 1985. p. 50.

⁶⁷ FILHO, 2014.

⁶⁸ TAUBER, Yanki. *Culpa Judaica*. Disponível em: <http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1216765/jewish/Culpa-Judaica.htm>. Acesso em: 6 maio 2014.

⁶⁹ A palavra Torá tem dois sentidos na tradição judaica. No sentido lato, é a Torá o nosso modo de viver, ou, conforme disse Milton Steinberg, “Toda a vastidão e variedade da tradição judaica”. É sinônimo de ciência, sabedoria, amor a deus. Sem ela, a vida não tem sentido nem valor. Em senso mais estrito, a tora é o mais reverenciado e sagrado objeto do ritual judaico, o belo rolo manuscrito dos Cinco Livros de Moisés (a Bíblia, do Gênesis até o Deuteronômio) que se conserva na Arca da Sinagoga. Uma parte da Torá, iniciando-se com o Livro de Gênesis, é lida em voz alta todo sábado durante o culto, logo a partir dos grandes Dias santos, prosseguindo até o fim do ano judaico, até que tenha sido lida. O fiel mantém-se de pé quando a Torá é retirada da Arca. Um judeu piedoso beija a Torá colocando seu xale de orações sobre o pergaminho (assim os dedos não tocam o rolo) e erguendo então aos lábios as franjas do xale. KERTZER, Morris. *O que é torá*. Disponível em: <<http://colecacao.judaismo.tryte.com.br/livro1/11cap23.php>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

O escritor judeu Yanki Tauber explica que a terminologia empregada pela Torá quer dizer: Se alguém dali cair, mesmo que essa pessoa mereça a queda, não queira e não deixe você ser causa do sofrimento ao outro. Nas palavras do escritor, transcritas abaixo fica clara esta orientação judaica.

A noção de que embora minhas opções e meus atos cubram apenas uma área minúscula da vida de outra pessoa, e uma área ainda menor da história humana, aquilo que eu escolho e faço influenciará profundamente o destino do sujeito dançando em meu telhado, as realizações da comunidade da qual faço parte, e o curso do progresso humano no decorrer do tempo. Aquilo que eu escolho e faço fará até a diferença entre morte e vida, entre fracasso e sucesso.⁷⁰

Entende-se que o dono da casa toma para si a culpa, se responsabiliza, não culpa o tempo, nem a Deus. Ele se responsabiliza pelo fato de que deveria ter previsto, pois sabe que tipo de pessoas recebe. Estudiosos do judaísmo como Tauber e Kertzer ponderam que a “culpa judaica” ocorre por uma visão egocêntrica, falha e pessimista do universo. Segundo os autores, porque os pais judeus se culpam por se acharem responsáveis pelos fracassos dos filhos, mesmo que estes filhos já tenham atingido seus sessenta anos. Os líderes religiosos interiorizam que todos os problemas do mundo estão relacionados com os pecados cometidos por eles como rabinos. Portanto, a ideia judaica de culpa é que as pessoas são responsáveis por tudo que ocorre dentro do lugar onde estão inseridas. E ainda, deveriam ter o controle e que suas escolhas, juntamente com suas ações, farão a diferença. Conforme Morris Kertzer, os judeus explicam a culpa dizendo que se Deus colocou aquela pessoa em determinada situação. Significa que ela pode fazer alguma diferença, portanto, é sua responsabilidade fazê-la, e, com êxito, pois foi escolhido por Deus e ele vai providenciar os meios.⁷¹

O sentimento de culpa e perdão no judaísmo tem seu ápice no dia do perdão ou *Yom Kipur*⁷², festa de jejum e de expiação, onde cada judeu deve estender ao seu inimigo a sua mão como reconciliação, esquecendo e pedindo desculpas pelas ofensas. Num artigo de Shalom Rozenberg, professor emérito da Universidade

⁷⁰ TAUBER, 2014.

⁷¹ KERTZER, 2014.

⁷² O Yom Kipur ou Iom Quipur é um dos dias mais importantes do judaísmo. No calendário hebreu começa no crepúsculo que inicia o décimo dia do mês hebreu de Tishrei (que coincide com Setembro ou Outubro), continuando até ao seguinte pôr do sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e oração intensa. YOMKIPUR. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <wikipedia.org/wiki/Yom_Kipur>. Acesso em: 3 maio 2014.

Hebraica de Jerusalém em Filosofia e pensamento Judaico, o filósofo cita os dias do *Rosh Hshana* e do *YomKipur*, como temíveis, por se tratarem de festas da “Consciência Pesada”, onde os embaixadores da fé “torturam” os corações com sentimento de culpa e arrependimento. Os termos *consciência pesada* e *tortura* não são para criticar os rituais das festas do perdão, mas sim destacar a importância destes ritos na vida dos judeus, como forma de Deus pairar sobre as impurezas e as contradições e permita que boas ações sejam tomadas. O professor fala que em Samuel há a expressão: “e o coração de Davi o bateu”. O que oferece aos judeus um profundo significado para o costume de bater no coração ao confessar os pecados. Seria uma forma de auxiliar o coração na sua tarefa.⁷³ O autor faz críticas a Nietzsche, pensadores e psicólogos atuais, que trabalham para exterminar o sentimento de culpa do ser humano.

Shalom Rozenberg compara o excesso de consumo de alimentos pelos ocidentais com a falta de culpa, dizendo que estes povos não comem porque estão com fome e sim porque são seduzidos pelos sentidos e não sentem mais fome, no verdadeiro sentido da palavra. Em outras palavras, o autor quer dizer que a culpa, se não for imposta, e estiver sob medida, é saudável porque servirá para o indivíduo evoluir, e não para alcançar a santidade, como é ensinado no cristianismo. Segundo este mesmo autor somente o sentimento de culpa patológico deve ser combatido pela psicologia. Como exemplo ele cita a pessoa que sobrevive sozinho num grave acidente com várias vítimas. A culpa, na opinião deste filósofo, perdeu totalmente o respeito na sociedade pós-moderna, e é vista como se fosse algo ilegal e externo à pessoa, sempre imposta por outrem e que deve ser extinta das pessoas.⁷⁴

2.1.2 Islamismo

Enquadradas em diferentes formas de expressões, as religiões classificam-se em politeístas ou monoteístas, orientais, nacionais, mundiais, entre outras. De acordo com o modelo pulsional de Freud, as religiões ainda podem ser classificadas como organizadoras ou desorganizadoras em relação às forças pulsionais que habitam os indivíduos. Especialmente falando-se do islamismo, sabe-se que é muito complexo, principalmente na visão ocidental democrática. Considerado radical, o

⁷³ ROSEMBERG, Shalom. *Que é Cashrut?* Antologia do Pensamento Judaico sobre as leis dietéticas judaicas. São Paulo: Sefer, 2003. p. 25s.

⁷⁴ ROSEMBERG, 2003, p. 25s.

islamismo tem regime teocrático, com total interferência no Estado pelas leis religiosas. Isto quem nos explica é Nelson Asnis. Ainda de acordo com este autor, o islamismo tem suas doutrinas no Alcorão, livro considerado sagrado e que tem Alá (Allah, em árabe), traduzido por Deus Único.⁷⁵

Fundado por Mohammed, hoje o islamismo é seguido por 1.522.813.123 de fieis aproximadamente. É considerada a religião que mais cresce atualmente no mundo. Os muçumanos são convencidos que o Islã é uma versão completa e universal de uma fé, reveladas em diferentes épocas e lugares, através dos personagens bíblicos Abrão, Moisés e Jesus.⁷⁶

Sobre os conceitos fundamentais, Nelson Asnis aduz que os cinco esteios, obrigatórios no culto e na prática cotidiana do islamismo compreendem:

O livro sagrado do islamismo é o Alcorão; A Suna é a segunda fonte doutrinária do islamismo; Todo muçumano deve prestar testemunho; As festas que devem ser celebradas: A Grande Festa, A pequena festa, a Hégira.⁷⁷

O islamismo divide-se, dentre outros, em sunitas e xiitas, que realizam juntos todos os rituais, inclusive a Grande Festa religiosa Ashura. Contudo, divergem quanto à política de sucessão a Maomé. Entre as várias obrigações dos seguidores, estão as orações obrigatórias, cinco vezes ao dia, sempre voltado para Meca, não cultuar imagens e ir para Meca pelo menos uma vez na vida. Jerusalém é sagrada para os muçulmanos porque acreditam ter sido de lá que Maomé subiu aos céus, para o paraíso e onde vive eternamente com Jesus e Moisés.⁷⁸

Numa entrevista à IHU- Revista do Instituto Humanista Unisinos, Daniel Yassuf Abu Tariq fala que o islã encoraja o perdão. Entre os vários questionamentos

⁷⁵ ASNIS, Nelson. *Suicídio e Islamismo: Um Olhar Psicanalítico*. Tese. (doutorado em psicologia), Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 32.

⁷⁶ ISLÃO. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Isl%C3%A3o>>. Acesso em: 3 maio 2014.

⁷⁷ ASNIS, 2007, p. 44s.

⁷⁸ A festa marca a morte do imã Hussein, neto do profeta Maomé, durante a batalha em 680 d.C., no deserto perto da cidade iraquiana de Kerbala. É um momento de luto e reflexão para os xiitas e tornaram-se rituais as flagelações, as marchas de luto e as reconstituições da batalha de Kerbala que ocorreu no 10º dia do Muharram do ano 61 no calendário islâmico (2 de outubro de 680 d.C.). MUÇULMANOS xiitas celebraram a ashura. *Estadão*, São Paulo, 14 novembro 2013. Disponível em:<http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3533188>. Acesso em: 27 abr. 2014.

feitos pelas entrevistadoras, foi perguntado a Daniel Yussuf Abu Tariq como se dá a relação entre culpa e perdão no Islã, para o qual o entrevistado respondeu:

A culpa é quando temos ciência que cometemos algo errado, como negligenciar o Criador, ofender aos pais, usar palavreados e cometer atos incompatíveis com a religião. Sabendo que estes atos desagradam a Allah, [...] precisamos pedir perdão a Allah.⁷⁹

O entrevistado afirma que a questão da culpa e perdão são resolvidos diretamente com Allah, pois, no Islã, não existe hierarquia como há no modelo judaico e no cristianismo. Segundo o entrevistado islâmico, em qualquer situação em que os seguidores estejam arrependidos, se prostram em oração, ou fora dela e por meio de súplica, Allah perdoa os atos julgados errados, mesmo que não tenham tido consciência que os fizeram. O relevante de tudo isto, afirma Tariq, é não repetir o erro.⁸⁰

2.1.3 Budismo

O budismo pode ser definido, segundo seus preceitos, como uma religião e filosofia oriental, cujos fundamentos estão nos ensinamentos de Buda. Fundada há 2.500 anos aproximadamente, ela procura condicionar a mente dos indivíduos a levá-la à paz, a alegria, a serenidade, a sabedoria e a liberdade. Apresentando as características desta religião e filosofia de vida, Georges Silva e Rita Homenko fazem esta descrição do Budismo:

O Budismo é uma filosofia de caráter essencialmente psicológico, uma maneira de viver, tendo em vista a Correta Compreensão, isto é, o reconhecimento da existência do sofrimento, a verdade da causa do sofrimento, o eterno auge da felicidade - Nirvana- e o verdadeiro Caminho que leva à cessação do sofrimento, conhecido como nobre caminho óctuplo – Caminho da Correta Compreensão, Caminho do Meio.⁸¹

Algumas religiões como o judaísmo, o Cristianismo e islamismo, destacam a importância dos rituais e da sua influência social. “O Budismo enaltece a

⁷⁹ TARIQ, Daniel Yussuf Abu. O Islã encoraja o perdão. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Márcia Junges. São Leopoldo, 9 abr. 2012. *IHU online*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4342&secao=388>. Acesso em: 27 abr. 2014.

⁸⁰ TARIQ, 2012.

⁸¹ SILVA, Georges da; HOMENKO, Rita. *Budismo – Psicologia do Autoconhecimento*. São Paulo: Editor Pensamento, 2013. p. 2.

especulação mística”⁸², segundo Mauro Miranda. O significado da palavra Buda é: “Supremo Iluminado, Desperto, aquele que está liberto do sono da ignorância e inundado de Suprema sabedoria; Vem da palavra Budh, que significa ‘despertar’”⁸³, conforme Georges Silva e Rita Homenko.

Na concepção budista, cabe ao indivíduo traçar o caminho de seu próprio destino. Dessa forma, Buda exortava para que os seus seguidores fossem seus próprios refúgios. Pregava o autodesenvolvimento, porque o ser humano tem em suas mãos o poder de tornar-se livre da escravidão, da ignorância e de todo tipo de sofrimento. Estes ensinamentos budistas são confirmados na obra de Georges Silva e Rita Homenko, ao afirmarem:

O Budismo ensina o ser humano a ser seu próprio mestre, a libertar-se dos condicionamentos, dentre os quais principalmente os preconceitos, a não permanecer dependente de cultura ou análises intelectuais, como também a não se apegara nenhum instante passado, nem a nada ainda não acontecido, a viver integralmente o presente e a reconhecer o mundo e a si próprio tais como são.⁸⁴

O sentimento de culpa, como estudado nas demais religiões, é explícito no budismo de forma indireta ou subjetiva, através da teoria do Carma e do renascimento, um dos princípios principais da doutrina budista. Carma, segundo Georges Silva e Rita Homenko tem o significado literal de “ato” ou “ação”. Porém, no budismo, esta palavra “expressa exclusivamente a ação volitiva, boa ou má, consciente ou inconsciente e que cada ação volitiva produz efeitos, resultados ou frutos”. Logo, “um bom carma, ou boa ação (kusala), produz bons efeitos, no entanto, o mau carma (akusala), ou má ação produzem maus efeitos”.⁸⁵ Na ótica budista, o bem e o mau têm por efeito uma só força, a força de continuar numa direção boa ou má.

O carma diferencia-se da culpa nas outras religiões como foi visto até agora, principalmente porque, no budismo, a teoria do carma é de causas e efeitos, de ação e de reação. “Como o ser humano age pelo corpo, pela palavra e na mente, os desejos geram ações, as ações produzirão resultados e os resultados, de forma

⁸² MIRANDA, Mauro Alexandre Moreira Ribeiro da Silva. *Religiosidade e Competências Emocionais em Estudantes Universitários*. Dissertação (mestrado em ciências sociais), Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto, 2014. p. 5.

⁸³ SILVA, 2013, p. 5.

⁸⁴ SILVA, 2013, p. 2.

⁸⁵ SILVA, 2013, p. 3

continua, trarão novos desejos. Não há conceito de pecado ou culpa”.⁸⁶ O que ocorre, segundo Georges Silva e Rita Homenko, é resultado da própria natureza, da lei de causa e efeito. Estes autores alertam para que não se confunda o Carma com a concepção de recompensa ou punição decretada por um Ser Supremo que julga e sentencia a ação. Para melhor compreensão do Carma empresta-se de Georges Silva e Rita Homenko a seguinte explicação:

O carma abrange tanto a ação passada, quanto a presente. Portanto, num sentido, somos o resultado do que fomos e seremos o resultado do que somos. O presente, sem dúvida, é o resultado do passado e a origem do futuro, mas o presente não é sempre um verdadeiro índice, simultaneamente do passado ou do futuro, tão intrincada é a lei do carma. Conforme semeamos colheram nesta vida, ou num futuro nascimento. O que colhemos hoje foi aquilo que semeamos, tanto no passado, como no presente. Carma, em si mesmo, é uma lei que opera no seu próprio campo de ação. As nossas ações passadas, cujos efeitos chamamos, hoje, nosso destino, influenciam o nosso presente, mas possuímos livre arbítrio completo e total, plena liberdade de ação.⁸⁷

Nesta fala dos autores, é possível compreender a teoria do carma da seguinte forma: O passado regula o nascimento e o carma atual, e o futuro é condicionado pelo livre arbítrio. O presente dispensa provas, a memória e a referência resgatam o passado, e a dedução e a reflexão modelam o futuro. Esta teoria explica, segundo o budismo, o sofrimento individual e o coletivo, bem como a desigualdade humana.

2.1.4 Cristianismo

Originada na palestina, no século I, a religião cristã expandiu-se rapidamente por todo o mundo, e hoje, é a mais difundida. Jesus, filho de Deus, defendia a paz, harmonia, liberdade como combate a escravidão. Pregava a adoração a um único Deus. Ideias contrárias ao Império Romano, caio Júlio César Otaviano Augusto, o perseguiu, bem como todos aqueles que professavam o cristianismo, obrigando os seguidores de Jesus a se reunir em lugares secretos. Jesus foi perseguido, porém, deu sua vida pelos seres humanos, ressuscitou e ofereceu a possibilidade da salvação e da vida eterna, para todos aqueles que acreditam em Deus e obedecem aos seus mandamentos.

⁸⁶ SILVA, 2013, p. 7.

⁸⁷ SILVA. 2013, p. 4.

As ideias de Jesus espalharam-se pela Ásia e Europa de forma vertiginosa pela pregação dos apóstolos. "O imperador Constantino percebendo a força dos ensinamentos de Cristo, em 313, da nossa era, concebeu a liberdade de Culto e no ano 392, o Imperador romano oficializa o cristianismo".⁸⁸

Na América, o cristianismo chega através dos jesuítas, que, no projeto europeu de colonização, vinham para catequizar os índios. Hoje, os três principais seguimentos do cristianismo são: Catolicismo, Protestantismo, igreja ortodoxa, religiões da modernidade e pós-modernidades como os pentecostais e os neo-pentecostais. Refletir sobre a culpa na perspectiva do cristianismo passa obrigatoriamente pelas consequências do pecado de adão, passadas para a raça humana e que repousam sobre a humanidade, sobre forma de culpa e castigo.

Em *O Cristianismo da Culpa e a Culpa no Cristianismo*, Eduardo Medeiros, psiquiatra cristão, deixa claro a dificuldade do estudo sobre este tema, visto que se trata de algo subjetivo, expressado por pessoas nas suas individualidades, analisado diferentemente por cada linha de interpretação dos seguimentos religiosos e as reações peculiares de cada indivíduo a este sentimento:

A culpa surge quando se faz o que deseja (ego), mas sabe ser proibido (superego), daí nasce à culpa, por ter se apropriado de algo "indevido". Na linguagem cristã para quem "transgride a lei" chama-se "pecado", depois da transgressão aí vem a "culpa". A culpa pode ser camuflada na forma de piedade, muitas pessoas demonstram serem piedosas para "compensar".⁸⁹

Louis Berkhof discorre sobre a culpa no cristianismo Católico. Afirma que o pecado inclui a culpa e a corrupção e define culpa como "o estado de merecimento da condenação ou de ser passível de punição pela violação de uma lei ou de uma exigência moral".⁹⁰ O autor explica que a culpa expressa a relação do pecado com a justiça ou da personalidade com a lei. Adverte ainda que a palavra tem duplo sentido: uma indicando uma qualidade inerente ao pecador, ou seja, suas más qualidades, que o faz merecedor do castigo e que o autor chama de "Culpa Potencial". Dalbney explica que esta culpa potencial é inseparável do pecado.

⁸⁸ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 6.

⁸⁹ MEDEIROS, Eduardo. *O Cristianismo da culpa e a culpa no Cristianismo*. 15 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://jl-reflexoes.blogspot.com.br/2010/01/o-cristianismo-da-culpa-e-culpa-no.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

⁹⁰ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. p. 98.

“Jamais se encontra em quem não é pessoalmente pecador, e é permanentemente, de modo que, uma vez estabelecida, não pode ser removida pelo perdão”.⁹¹

A ideia de Louis Berkhof é compartilhada com Eduardo Medeiros quando este afirma:

[...] É interessante que no totemismo freudiano, a culpa dificilmente será redimida pela humanidade, pois o que poderá ela fazer para eliminar esse complexo? O simbolismo da psicanálise de que o filho matou o pai, fala da culpa que agora ele terá de conviver, no entanto não há solução em como se livrar da culpa.⁹²

O outro sentido da palavra culpa, segundo Louis Berkhof, é o que indica “a obrigação de satisfazer a justiça, pagar a penalidade do pecado- a culpa de fato”.⁹³ O autor aduz que a corrupção é a corrosiva contaminação inerente a que todo pecado está sujeito, portanto, fazendo parte da vida de todos os indivíduos. Louis Berkhof assevera que todo aquele que é culpado em Adão, conseqüentemente também nasce com uma natureza corrupta, como se vê em parte de sua obra, abaixo:

a. A culpa original. A palavra “culpa” expressa a relação que há entre o pecado e a justiça, ou, como o colocam os teólogos mais antigos, e a penalidade da lei. Quem é culpado está numa relação penal com a lei. Podemos falar da culpa em dois sentidos, a saber, como *reatusculpae* (réu convicto) e como *reatuspoenae* (réu passível de condenação). A primeira, que Turretino chama de “culpa potencial”, é o demérito moral de um ato ou estado. Essa culpa é da essência do pecado e é uma parte inseparável da sua pecaminosidade. Prende-se somente aos que praticam pessoalmente ações pecaminosas, e prende-se a eles permanentemente. Não pode ser removida pelo perdão, não é removida pela justificação baseada nos méritos de Jesus Cristo, e muito menos pelo perdão puro e simples. Os pecados do ser humano são inerentemente merecedores de males, mesmo depois que ele foi justificado. Neste sentido, a culpa não pode ser transferida de uma pessoa para outra. O sentido habitual, porém, em que falamos de culpa na teologia, é o de *reatuspoenae*. Com isto se quer dizer merecimento de punição, ou obrigação de prestar satisfação à justiça de Deus pela violação da lei, feita por determinação pessoal. Neste sentido, a culpa não faz parte da essência do pecado, mas é, antes, uma relação com a sanção penal da lei. Se não houvesse nenhuma sanção ligada à inobservância das relações morais, todo abandono da lei seria pecado, mas não envolveria sujeição. Neste sentido, a culpa pode ser removida pela satisfação da justiça, pessoal ou vicariamente. Pode ser transferida de uma pessoa para outra, ou pode ser assumida por uma pessoa em lugar de outra. É retirada dos crentes pela justificação, de modo que os seus pecados, embora merecedores de condenação, não os tornam sujeitos ao castigo. Os semipelagianos e os mais antigos arminianos, ou

⁹¹ BERKOF, 1990, p. 99.

⁹² MEDEIROS, 2010.

⁹³ BERKOF, 1990, p. 99.

“remonstrantes”, negavam que o pecado original envolve culpa. A culpa do pecado de Adão, cometido por ele na qualidade de chefe federal da raça humana, é imputada a todos os seus descendentes. Isso é evidenciado pelo fato de que, como a Bíblia ensina, a morte, como castigo do pecado, passou de Adão a todos os seus descendentes: Rm 5.12-19; Ef 2.3; 1 Co 15.22.

b. Corrupção original. A corrupção original inclui duas coisas, a saber, a ausência da justiça original e a presença do mal positivo. Deve-se notar: (1) Que a corrupção original não é apenas uma moléstia, como a descrevem alguns dos “pais” gregos e os arminianos, mas, sim, pecado, no sentido real da palavra. A culpa está ligada ao pecado; quem nega isto não tem uma concepção bíblica da corrupção original. (2) Que não se deve considerar essa corrupção como uma substância infundida na alma humana, nem como uma mudança da substância no sentido metafísico da palavra.⁹⁴

Henry Thiessen, escritor protestante, afirma que as escrituras reconhecem diferentes graus de culpa que resultam de diferentes tipos de pecados e que “este princípio é reconhecido no Velho Testamento na variedade dos sacrifícios exigidos para as diferentes transgressões sob a lei de Moisés (Lv 4.7) e também indicadas pela variedade de julgamentos no Novo Testamento (Lucas 12. 47,48; João 19.11; Rm 2.6)”.⁹⁵ Em contraposição à ideia de culpa no cristianismo católico que prega a distinção de pecados veniais, aqueles que podem ser perdoados, e, mortais, que são voluntários e deliberados e que envolvem a morte da alma, Henry Thiessen relaciona as diferenças em culpa conforme resultantes das diferenças de pecado:

1- **Pecado de Natureza, e Transgressão Pessoal.** Como pecado de natureza, nos referimos à culpa do pecado inato, mas existe maior culpa quando permitimos que o pecado de natureza nos leve a cometer atos de transgressão pessoal. As palavras de Cristo: “porque dos tais é o reino dos céus” (Mt. 19:14), fala da inocência relativa da infância, enquanto que Suas palavras aos escribas e fariseus: “Enchei-vos, pois, à medida de vossos pais” (Mt. 23:32), se referem à transgressão pessoal acrescentada à depravação herdada.

2- **Pecados de Ignorância, e Pecados de conhecimento.** Aqui a culpa é determinada de acordo com a quantidade de informação que o indivíduo possuía. Quanto mais conhecimento, maior a culpa (Mt 10:15; Lucas 12:47,48; 23: 34; Rm 1:32; 2:12; I Tm. 1: 13,15,16).

3- **Pecados de Fraqueza, e Pecados de Soberba.** A quantidade de força de vontade aqui envolvida indica o grau de culpa. O salmista orou para que fosse guardado dos pecados da soberba (Sl 19: 13), e Isaías fala daqueles que “puxam para si iniquidade com cordas de justiça, e o pecado como com tirantes de carro” (Is. 5: 18), isto é, que com o conhecimento e determinação cedem ao pecado. Por outro lado, Pedro ao negar a Cristo demonstrou o pecado da fraqueza. Ele caiu apesar de sua determinação de ficar em pé.

4- **Pecados de Imperfeição, e Pecados de Obstinação final.** O grau até o qual a alma se endureceu e se tornou não receptiva às ofertas multiplicadas da graça de Deus determina aqui o grau de culpa. Obstinação final é o pecado contra o Espírito Santo e é imperdoável porque através dele a alma

⁹⁴ BERKHOF, 1990, p. 238.

⁹⁵ THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987. p. 192.

cessou de ser receptiva à influência divina (MT. 12: 31 32; Marcos 3: 29; I João 5: 16,17; Hb. 10:26).⁹⁶

Sobre o significado e o caráter do castigo aplicado aos diferentes graus de culpa, este autor aventa que castigo é “aquela dor ou perda que é diferentemente infligida pelo Legislador em vindicação de sua justiça, que foi ultrajada pela violação da lei”.⁹⁷

Entende-se, a partir desta afirmação, que as conseqüências do pecado estão incluídas nesta ideia de castigo. Apesar disso, de maneira alguma, esta ideia é esgotável. “Percebe-se que em todo castigo existe um elemento pessoal, a saber, a ira santa do Legislador, e esta é apenas parcialmente expressa pelas conseqüências naturais”.⁹⁸ Assim, vê-se que a intenção fundamental do castigo não é a de transformar o transgressor, e, sim punir. Quanto ao caráter do castigo, Henry Tiessen conclui: “uma só palavra basta para declarar o castigo do pecado e assim é dada nas escrituras: Morte. Morte física, espiritual e eterna”.⁹⁹

Discorrendo sobre a dinâmica e natureza do pecado, Plantinga Jr. aglutina pecado e culpa e diz que todo pecado é direcionado a Deus. Portanto, pecado segundo o pesquisador é: desejo, emoção, palavra ou feitos - ou sua omissão, que desagradam a Deus. “Pecado é uma afronta pessoal e culpável ao Deus pessoal”.¹⁰⁰ Na ótica deste autor, Deus odeia o pecado não apenas porque viola a lei, mas porque viola o shalom, ideia explicitada em sua afirmação: “Pecado, então é qualquer mal agenciado do qual uma pessoa (ou grupo de pessoas) se torna culpada. Resumindo, pecado é a culpa pela quebra do shalom”.¹⁰¹

⁹⁶ THIESSEN, 1987, p. 192.

⁹⁷ THIESSEN, 1987, p. 192.

⁹⁸ THIESSEN, 1987, p. 190-193.

⁹⁹ THIESSEN, 1987, p. 195.

¹⁰⁰ PLANTINGA JR, Cornelius. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo-SP: Editora Cultura Cristã, 1998. p. 26-27.

¹⁰¹ PLANTINGA JR, 1998, p. 26-27.

3 CULPA NA TEOLOGIA CRISTÃ

A Culpa, como sentimento exclusivo do ser humano, exige, daqueles que a sofrem, conhecer suas conseqüências, aprender a vivenciá-la e administrá-la, procurando saber como cada área do conhecimento percebe sua importância, dimensão e seu efeito devastador. Como visto nos capítulos anteriores, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia e a Psicanálise têm desenvolvido importantes pesquisas sobre a fragmentação do ser humano e suas relações, origens, do sentimento de culpa.

Lucas Mazzochini, discorrendo sobre a culpa e pecado na sociedade atual, adverte que, antes de estudar a culpa, pecado e esperança no perdão, é preciso analisar os fatores que influenciam a fragmentação do ser humano. A opinião deste autor está na explicação abaixo:

Vive-se num contexto de velozes mudanças, mesmo no comportamento humano. Tendências como o individualismo, indiferença e consumismo exercem uma força excessiva na atual sociedade. Nunca o ser humano esteve ao mesmo tempo mais informado e mais desestruturado, mais adulto e mais instável, menos ideológico e mais influenciado pelas modas, mais crítico e mais superficial, mais cético e menos profundo. A “era do vazio” que retrata o contexto epocal, apresenta o próprio vazio de sentido da vida, nas relações fragmentadas, na crise de valores, na falta de identidade por certa superficialidade.¹⁰²

A teologia tem procurado estudar esse enigma do vazio e fragmentação, desenvolvendo estudos que promovam a reconciliação do ser humano consigo mesmo e em suas relações através da reflexão sobre a culpa, pecado e o perdão.

Com a possibilidade do perdão, segundo Osvaldo Ribeiro,¹⁰³ Paul Tournier¹⁰⁴ e Henry Tiessen¹⁰⁵, o indivíduo que vive perturbado é capaz de seguir um caminho diferente à luz da fé e alcançar a paz com o outro, consigo mesmo e no contexto onde vive e interage. A teologia procura desenvolver no ser humano “viver a consciência de culpa e não o sentimento de culpa”, segundo Lucas Mazzochini. O

¹⁰² MAZZOCHINI, Lucas Antônio. Culpa e pecado na sociedade atual. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PUCRS, 10, Porto Alegre. *Anais do X Salão de Iniciação Científica PUCRS*. Porto Alegre: PUCRS, 2009. p. 4. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Humanas/Teologia/70442>. Acesso em: 10 maio 2014.

¹⁰³ RIBEIRO, Osvaldo Luis. *Consciência, Culpa e Perdão: Jogos Psicológicos e Teológicos da Alma*. 2008. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/consciencia-culpa-e-perdao-jogos-psicologicos-e-teologicos-da-alma/>>. Acesso em: 1 maio 2014.

¹⁰⁴ TOURNIER, 1985, p. 110.

¹⁰⁵ THIESSEN, 1987, p. 190.

autor ainda explica: “a teologia [...] contribui para despertar uma nova ótica diante da temática culpa e pecado, focando sempre a esperança no perdão e no bem do ser humano”.¹⁰⁶

Renato Vargens ainda considera:

A dor e as tragédias que sacodem os vários lugares no mundo, são vistos por muitos religiosos cristão ou não-cristãos afirma vargens, em Teologia do Castigo, artigo que aborda as tragédias dos terremotos no Haiti, como castigos de Deus, e por vezes “tecem comentários com explicações duras, despóticas e vingativas, dando ênfase a um Deus que se alegra no castigo.”¹⁰⁷

Nas relações sociais cotidianas o ser humano vive situações de ofensas como: alguém que fala mal dele, furto, perseguição, humilhação com palavras, exclusão e outras infinitudes de ofensas que produzem transtornos aos seus sentimentos. O Pastor Marcos Aurélio dos Santos, em um estudo cujo título é *Liberando o Perdão*, diz que:

Não é difícil encontrar em nossas igrejas pessoas com o ego ferido, carregando ressentimentos de longas datas. Gente mal resolvida, pessoas com extrema dificuldade de se relacionar com os outros. Encontramos também aqueles que aparentemente, de maneira dissimulada liberam “perdão” expressado pelo conhecido “tapinha nas costas”, e em alguns casos com um aperto de mão meio forçado. A dissimulação é também uma sugestão da carne.¹⁰⁸

Isto ocorre porque, conforme se vê no dia a dia das relações, por natureza, o ser humano é especialista em ofender e em ficar magoado. Além do mais, quase sempre é tardio na aprendizagem da arte do perdão. “Se não houvesse o ‘fator perdão’ no cristianismo, para que serviria esse tipo de religião?” Pergunta Mario Bastos. O autor faz-nos entender que a religião tem a função de assegurar para os cristãos que os mesmos estão sob a Graça desde a sua criação, até o final, num Ministério último de amor, garantido por Deus a todos aqueles que crêem. E ainda, segue o pastor: “O perdão de Deus, outorgado ao ser humano, não é apenas um pronunciamento externo, que lhe permite continuar vivendo à revelia, depois de perdoado”. O pecado é também, arremata o autor: “um poder transformador do

¹⁰⁶ MAZZOCHINI, 2009, p. 5.

¹⁰⁷ VARGENS, Renato. *Teologia do castigo*. Disponível em: <<http://renatovargens.blogspot.com.br/2010/06/teologia-do-castigo.html>>. Acesso em: 5 maio 2014.

¹⁰⁸ SANTOS, Marcos Aurélio dos. *Liberando o Perdão*. Disponível em: <<http://www.teologiaevida.com.br/2013/11/liberando-o-perdao.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

coração”.¹⁰⁹ Dessa forma, o presente capítulo aborda a culpa na Teologia Cristã, e faz a luz da Bíblia e de pensadores cristãos, a culpa como castigo, como pecado e como perdão, a fim de verificar como estes sentimentos permeiam a Bíblia e torna o cristianismo digno do nome de Cristo.

3.1 Culpa como castigo

O presente estudo tem procurado analisar a culpa do ser humano na busca pela espiritualidade, ao longo da história. Componente este que não é restrito apenas ao âmbito sociocultural, mas que, segundo a Psicologia e a Psicanálise, a espiritualidade está também na constituição da subjetividade do indivíduo, nas suas emoções, valores, crenças e comportamentos a ela relacionados, como afirma Martha Henning:

Além de fazer parte da cultura, a religião é constituída por mitos, rituais e comportamento moral que interpretam o processo cultural, definindo significados de comunidade e influenciando sobre que pode e não pode ser feito, ou o certo e o errado. Assim, move-se entre o que é novo e a sabedoria herdada do passado, sendo desafiada a equilibrar ambas as esferas, como um fator de preservação da cultura.¹¹⁰

Nessa conjuntura, as relações humanas precisam ter regras, pois em todas as fases da vida humana, há vulnerabilidade a agressão física, destruição da propriedade, furto, entre outros. As regras fornecem estrutura para a assistência e cooperação mútuas. Wesley Cragg afirma que:

O castigo tem um lugar natural nessa conjuntura. Responde à ira, ressentimento e sentido de injustiça que geram quem viola as regras básicas. Funciona como um desincentivo. É uma maneira de assegurar que quem respeita as regras não termina em piores condições do que não as respeita.¹¹¹

É importante analisar os diferentes conceitos de Castigo para que cheguemos ao conceito religioso de castigo. De acordo com o dicionário formal online, castigo,

¹⁰⁹ BASTOS, Mário Jorge da Motta. Pecado, Castigo e Redenção: A Peste como Elemento do Proselitismo Cristão (Portugal, Séculos XIV/XVI). *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 183-205, 1997. p. 185. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg3-8.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

¹¹⁰ HENNING, Martha Caroline; MORÉ, Carmen L. O. O. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 9, p. 84-114, 2009. p. 84.

¹¹¹ CRAGG, Wesley. *Castigo*. Trad. Lucas Miotto. Disponível em: <<http://criticanarede.com/castigo.html>>. Acesso em: 12 maio 2014.

no sentido geral significa “Pena, correção severa; punição.”¹¹² Já para a Wikipédia, “um castigo é uma sanção usada para reprimir uma conduta considerada correta”.¹¹³ No entanto, biblicamente falando, a palavra castigo significa, “maculação, tortura”.¹¹⁴

Na religião, culpa e castigo são quase sempre indissociáveis. Isto porque até certo ponto “as conseqüências naturais do pecado fazem parte do castigo do pecado, porém, entende-se que o pecado é presente e o castigo ocorrerá de forma plena um dia, no futuro”.¹¹⁵

Entretanto, Paulo Lima faz duras críticas ao sentimento de culpa e castigo colocadas pelas proibições religiosas e fundamentadas na dicotomia recompensa e castigo.¹¹⁶ Segundo Paulo Lima o sentimento de culpa “tem a ver com um sistema de manutenção de dependências”.¹¹⁷ Paulo Lima diz que o ser humano para não ser castigado tem que obedecer às proibições. Contudo, sendo ele fraco, fazendo muitas vezes o que não quer, e, vice-versa, termina sempre voltando para as mãos do sacerdote, que, por sua vez lhe aplica o castigo e lhe facilita o perdão.

As ideias de Paulo Lima encontram alicerce na teoria de Nietzsche sobre religião/proibição, quando esse filósofo escreveu o “Anticristo” e no qual destacava quatro coisas importantes sobre a religião:

O sacerdote abusa do nome de deus: chama ‘reino de Deus’ a um estado de coisas no qual ele é quem fixa os valores das coisas: Chama ‘à vontade de deus’ aos meios que ele (o sacerdote) emprega para alcançar ou manter tal estado de coisas [...]; Os sacerdotes, referindo-se à instituição religiosa da sua época, ordenam tudo de tal modo que se tornam ‘indispensáveis em toda parte’. A desobediência a ‘Deus’, isto é, ao sacerdote, à ‘lei’, chama-se agora ‘pecado’; os meios de ‘reconciliar-se com Deus’ são, como justo, meios que asseguram ainda mais profundamente a submissão ao sacerdote; só o sacerdote ‘salva’ [...]. O sacerdote ‘vive’ pelos pecados, tem

¹¹² CASTIGO. In: DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/castigo/>>. Acesso em: 12 maio 2014.

¹¹³ CASTIGO. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Castigo>>. Acesso em: 12 maio 2014.

¹¹⁴ De acordo com o profeta Isaías (Is 53.5) a palavra castigo significa maculação, tortura. "E o castigo que estava sobre ele..."

¹¹⁵ THIESSEN, 1987, p. 192.

¹¹⁶ O Rev. Paulo Cesar Lima é professor de Cristologia, Hermenêutica, Metodologia Exegética do NT, Exegese do NT, Introdução ao AT, Introdução ao Protestantismo Brasileiro e Escatologia para o Curso de Pós-Graduação em Teologia. É autor conhecido e apreciado no meio evangélico, pelos seus temas e conferências. LIMA, Paulo Cesar. *Proibições Religiosas - A Cultura do Castigo!* 2013. Disponível em: <<http://revpaulocesarlina.blogspot.com.br/2013/06/proibicoes-religiosas-cultura-do-castigo.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

¹¹⁷ LIMA, 2013.

necessidade de que se ‘peque’ [...]. ‘Deus perdoa ao que se submete ao sacerdote’.¹¹⁸

No entanto, Paulo Lima chama a atenção para que se compreenda que

O ‘deus’ que Nietzsche deseja enterrar ‘é o deus’ institucionalizado, privatizado pela religião dominante, um anti-reino, que se insurge contra os pobres da terra, os ‘excluídos’ e que, na sua prática ergue o infeliz preconceito do “não faça”, bloqueando seus atos espontâneos de bondade e de solidariedade. Lima, conclui sua ideia de ‘proibições religiosas’, afirmando que qualquer religião calcada em proibições freqüentemente se esvazia de ações positivas.¹¹⁹

Na esteira desta reflexão, Neilson Brito afirma que nem sempre a religião é um caminho de libertação e que, muitas vezes, ela apresenta um “Deus ameaçador”, que apresenta uma escravidão psicológica, representação, no mínimo, motivadora da culpa”.¹²⁰

Paul Tournier, médico suíço, vai mais além sobre culpa como castigo na vida daqueles que ele recebe em seu consultório psiquiátrico. Lembra o autor que Freud queria ver o ser humano progredindo e teorizando sobre o sentimento de culpa. Afirmava que o medo da vida, das responsabilidades, estava no fato de não estar-se no refúgio do colo materno. Lembra também que Jung defendia o destino do ser humano como forma assumir tudo o que existe dentro dele mesmo. No entanto, o próprio Tournier, assevera que é através do Novo Nascimento de que fala Jesus Cristo, a transformação do ser humano pelo Espírito Santo, ultrapassa estas noções seculares de Freud e Jung. Tournier afirma que há uma deformação no Cristianismo que frequentemente esmaga os seres humanos ao invés de libertá-los, no que fica claro nas suas palavras:

Sentimo-nos responsáveis por este Cristianismo, culpados desta deformação da qual participamos, culpados de demonstrar tão mal o poder de Jesus Cristo. Certo, nós somos fracos; talvez sem culpa desta fraqueza; mas o apóstolo Paulo não disse que precisamente da nossa fraqueza deveria eclodir a força de Deus? (2 Co 12:10). É perante Deus que nos sentimos culpados de não nos tornarmos o que ele espera de nós, de nos deixarmos paralisar pelo medo, de nos deixarmos amoldar por nosso meio, petrificar pelo cotidiano, esterilizar pelo conformismo, não ser nós mesmos;

¹¹⁸ LIMA, 2013.

¹¹⁹ LIMA, 2013.

¹²⁰ BRITO, 2013, p. 60.

ser cópia dos outros em vez de tirar partido dos dons específicos que Deus nos confiou.¹²¹

Mário Bastos entende que “no princípio, e durante séculos, os homens acreditavam que a peste era uma manifestação da cólera divina, um castigo por grave ofensa”.¹²² Mário Bastos esclarece que fontes religiosas portuguesas identificam as epidemias como fogo divino, cuja função é a purificação¹²³, como se vê nas afirmações deste autor:

A assimilação das epidemias a um castigo divino explicita - se como um processo de investimento de sentido cujo s principais artífices foram membros da Igreja, que o instrumentalizaram, instituindo e disseminando esta concepção através de discursos (orais e escritos), imagens, ritos e cerimônias estabelecidas, salvo engano, no Ocidente a partir de fins do século V. Nas sociedades ocidentais, tal qual a doença, a formulação da interpretação cristã desta inscreve - se na longa duração, sorvendo o manancial vétero-testamentário para circunscrever um campo primordial de referência. A mão divina foi recurso primeiro [...] e último!¹²⁴

Louis Berkhof fala sobre o castigo efetivo do pecado, onde, segundo ele, o castigo com que Deus ameaçou o ser humano no paraíso foi a pena de morte, não se referindo a morte do corpo, porém, do ser humano total, morte no sentido bíblico da palavra. Assim ele aduz:

A Bíblia desconhece a distinção, tão comum conosco, entre a morte física, a espiritual e a eterna; ela tem uma visão sintética da morte e a considera

¹²¹ TOURNIER, 1985, p. 108.

¹²² BASTOS, 1997, p. 185.

¹²³ “Peste é a designação pela qual ficou conhecida, durante a Baixa Idade Média, a pandemia de peste bubônica, ou peste negra, que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou entre 25 e 75 milhões de pessoas (mais ou menos um terço da população europeia) , sendo que alguns pesquisadores acreditam que o número mais próximo da realidade é de 75 milhões, aproximadamente um terço da população da época. A doença é causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida ao ser humano através das pulgas (*Xenopsylla cheopis*) dos ratos-pretos (*Rattus rattus*) ou outros roedores. Em Portugal, a peste entrou no Outono de 1348. Matou entre um terço e metade da população, segundo as estimativas mais creíveis, levando a nação ao caos. Foram inclusivamente convocadas as Cortes em 1352 para restaurar a ordem. A peste, que nunca antes existira na península Ibérica, voltou a Portugal várias vezes até ao fim do século XVII, ou seja sempre que nasciam suficientes novos hóspedes não imunes. Nenhuma foi nem remotamente tão devastadora como a primeira, mas a Grande Peste de Lisboa em 1569 terá matado 600 pessoas por dia, ao todo 60 000 habitantes da cidade terão sucumbido. A última grande epidemia foi em 1650. A doença voltou a cada geração à Europa até ao início do século XVIII. Cada epidemia matava os indivíduos susceptíveis, deixando os restantes imunes. Só quando uma nova geração não imune cresce é que havia novamente suficiente número de pessoas vulneráveis para a infecção se propagar. No entanto nenhuma destas epidemias foi tão mortal como a primeira, devido às modificações de comportamento e à eliminação dos genes (como alguns do MHC- ver sistema imunitário) que davam especial susceptibilidade aos seus portadores.” PESTE NEGRA. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peste_negra>. Acesso em: 10 maio 2014.

¹²⁴ BASTOS, 1997, p. 183-205.

como separação entre Deus e o homem. A pena foi também executada efetivamente no dia em que o homem pecou, embora a plena execução dela tenha sido sustada temporariamente pela graça de Deus. De maneira bem antibíblica, alguns transferem a sua distinção para a Bíblia, e sustentam que a morte física não deve ser considerada como pena do pecado, mas, antes, como o resultado natural da constituição física do homem. Mas a Bíblia ignora esta exceção.¹²⁵

Louis Berkhof aduz que a Bíblia faz os seres humanos sabedores da penalidade constante da ameaça, que é a morte no sentido compreensivo da palavra. Informa a todos que a morte entrou no mundo através do pecado, como está registrado em Rm. 5.12. O salário do pecado é a morte, como encontrado em Rm. 6.23. No entanto, Louis Berkhof chama a atenção para a penalidade ou castigo do pecado inclui não só a morte física, mas a morte espiritual, os sofrimentos da vida e a morte eterna.

A culpa como castigo fica, assim, muito clara na visão de Louis Berkhof, quando ele defende que os sofrimentos da vida são resultados da entrada do pecado no mundo, culminando em fraquezas e doenças. Penosas agonias, que deixou a vida mental dos seres humanos aflitas de perturbações angustiantes, sem alegria de viver. Ainda na ótica deste autor: “a alma do ser humano transformou-se em campo de batalha de pensamentos, paixões e desejos conflitantes [...]. Com o homem e por causa dele toda a criação ficou sujeita à vaidade e à escravidão da corrupção”.¹²⁶

3.2 Culpa como pecado

Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?”. Disse Jesus: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele” (Jo 9.1-3).

A escolha desta narrativa para iniciar a reflexão sobre a culpa como pecado, explica-se pela condição do “cego de nascença” não ter tido escolha de sua situação, pelo tempo que viveu sob essa limitação humana. E ainda porque através da pergunta dos discípulos percebe-se subtendidos pressupostos culturais e

¹²⁵ BERKHOF, 1990, p. 254s.

¹²⁶ BERKHOF, 1990, p. 257.

religiosos dos judeus que acreditavam que a má sorte, ou castigo, era resultado do pecado.

Emprestando de Jonathan Menezes, sua interpretação desta passagem bíblica, o mesmo afirma que os discípulos questionam Jesus, baseados no “senso comum”. Senso comum por se basearem somente na alternativa acusatória ao cego, querendo saber se foi ele, que ainda no ventre materno ou foram seus pais. Jesus numa visão alternativa, complexa e que desperta a problematização do tema responde: “Nem uma coisa, nem outra; isso ocorreu pra que na vida dele se manifestasse a obra de Deus”.¹²⁷

Percebe-se neste acontecimento bíblico que há uma questão envolvida que é o problema do sofrimento humano. Com toda sorte de doenças e outras limitações físicas ou psicológicas que assolam a humanidade, e que num olhar cultural religioso os discípulos dão uma resposta simplista e fechada, apenas interpretada como sofrimento fruto do pecado do cego ou de seus pais.

A Bíblia nos oferece respostas lógicas e definitivas ao problema do sofrimento que somos atingidos, embora haja pessoas que afirmem o contrário. Jesus, com seu olhar divino, age nesse questionamento dos discípulos, de forma compassivo, abrangente e acolhedora. Contudo, enxergando de diferentes âmbitos. Segundo Menezes, “Jesus responde não o que Deus ‘pensa’ sobre o sofrimento daquele homem, para remontar a sua origem, e sim o que Deus faz a respeito”.¹²⁸

Oswaldo Ribeiro teoriza que é preciso ter pecado para se saber o que é o sentimento de culpa. O pecado patológico ou não, fundamentado ou não, assegura que há “culpa” sim. O autor afirma ainda que independente de abordagens terapêuticas que a relativizem, a consciência da culpa do pecado só não é mais grave do que a consciência do perdão. Vejamos como o autor narra os sentimentos da consciência de culpa:

Ora, a consciência de culpa, se profunda, escancara aos olhos do ser sensível, dia e noite, a tragédia do erro e a desgraça do pecado, rói, mói e corrói, devasta, desgasta e maltrata alma e corpo, faz da gente picadinho que ogros noturnos comem e devoram, que dragões fantasmagóricos tostam com bafo de fogo e enxofre. Esse quadro de Dali constitui uma

¹²⁷ MENEZES, Jonathan. *Afinal, quem pecou?* O cego, Jesus e o pensamento complexo. Disponível em: <<http://escreveretransgredir.blogspot.com.br/2010/07/afinal-quem-pecou-o-cego-jesus-e-o.html>>. Acesso em: 16 maio 2014.

¹²⁸ MENEZES, 2014.

presença, um peso, uma glória de chumbo sobre os ombros. E é concreta, morta-viva a gemer aos ouvidos do culpado que tem consciência da culpa – ou do que tem consciência de culpa sem que seja realmente culpado, porque há consciências tão supersensíveis à culpa que se deixam tomar por ela em dimensões desproporcionais, ou mesmo falsas.¹²⁹

Da forma como Osvaldo Ribeiro narra a consciência da culpa tem-se uma noção porque este sentimento, entre todos os conflitos emocionais que atribulam o coração, é o mais difícil de superar. Isto porque este nasce da consciência e da convicção que o ser humano tem de seu próprio estado pecaminoso.

A Palavra de Deus ensina de forma clara que todos os seres humanos são descendentes de um único casal, como se lê a seguir:

E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra (Gn 1.27-28). E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão (Gn 2.7,22). E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes (Gn 3.20). Estes três foram os filhos de Noé; e destes se povoou toda a terra” (Gn 9.19).

Assim, todos os indivíduos, sendo do mesmo pai, têm a mesma natureza, situação comprovada nas palavras de Paulo, presentes em várias passagens bíblicas, como:

Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça (Rm 5.12, 19). Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo (I Co 15.21s); Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão(Hb 2.16).

Esta noção de culpa se encontra onde este apóstolo fala sobre sua doutrina da unidade orgânica da humanidade na primeira transgressão. Dessa maneira, fica compreendido que a partir de Adão, corpo e alma foram criados, fato que coloca toda a humanidade como seres humanos nascidos em pecado, pois Adão cometeu

¹²⁹ RIBEIRO, Osvaldo Luis. Consciência Culpa e Perdão: Jogos Psicológicos e Teológicos da Alma. 2008. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/consciencia-culpa-e-perdao-jogos-psicologicos-e-teologicos-da-alma/>>. Acesso:1 maio 2014.

pecado antes mesmo de gerar seu primeiro filho. Sobre a queda do ser humano e a origem do pecado Henry Tiessen complementa:

A doutrina da queda do homem não é exclusiva do cristianismo; todas as religiões contêm um relato dela, e reconhecem o grande e terrível fato... No entanto, a doutrina da queda tem uma relação ao cristianismo que não tem a quaisquer outras religiões ou sistemas religiosos. A natureza moral de Deus conforme apresentada na religião cristã ultrapassa de longe a delimitação do Ser Supremo apresentado em qualquer outra religião, e, portanto eleva e intensifica sua ideia de pecado.¹³⁰

Visando uma melhor compreensão da culpa como pecado, faz-se imprescindível, analisar o conceito de pecado, na visão de diversos teólogos. Henry Tiessen construiu o seguinte conceito: “Pecado é qualquer falta de conformidade com, ou transgressão de, qualquer lei de Deus, dada como regra à criatura racional”.¹³¹ Esta definição formulada pelo autor pode ser confirmada nas seguintes passagens: “Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade” (I Jo 3.4).

Todos aqueles, pois, que não são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las. Ora, a lei não é da fé; mas o homem, que fizer estas coisas, por elas viverá (Gl 3:10,12).

Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real:

Amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis. Mas, se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, e sois redargüidos pela lei como transgressores. Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos. Porque aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei. Assim falai, e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade (Tg 2.8-12). Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum. Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência; porquanto sem a lei estava morto o pecado. E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que era para vida, achei eu que me era para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou. E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom. Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno” (Rm 7.7-13).

¹³⁰ THIESSEN, 1987, p. 66.

¹³¹ THIESSEN, 1987, p. 70.

Deomara Garcia diz que o pecado tem a seguinte definição:

O pecado é visto como um ato contrário à razão, à verdade, à consciência reta. Fere a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Podem-se distinguir os pecados segundo o seu objeto, como em todo ato humano, ou segundo as virtudes a que se opõem, por excesso ou por defeito, ou segundo os mandamentos que eles contrariam. Pode-se dividi-los em pecados por pensamento, palavra, ação ou omissão, e segundo o catecismo, a raiz do pecado está no coração do homem, em sua livre vontade.¹³²

No entanto, Marcelo Berti destaca que no Velho e no Novo Testamento são encontradas palavras que dão sentidos diferentes de pecado em cada uma destas divisões bíblicas. Segundo ele, o pecado no Antigo Testamento era visto pelos profetas como algo: “mais do que uma violação de regras, mas como o rompimento de um relacionamento pessoal com Deus”.¹³³ Isto está amparado em: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça.” (Is 59.2). No entanto, no Novo Testamento, o Marcelo Berti empresta o texto de Paulo, “Ora, se eu faço o que não quero já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim” (Rm 7. 20), para explicar que no Novo Testamento o pecado é observado como uma força em si, que opera no homem e o mantém cativo. Assim Marcelo Berti conceitua o pecado da seguinte forma: “Tudo aquilo que não redunde em, ou contribui para, a glória de Deus. É um mal, orientado contra Deus, que envolve ato, natureza e culpa”.¹³⁴

Acontece, porém, que atualmente o conceito de culpa como pecado, ganhou outra roupagem incorreta, principalmente com o advento das teorias de Freud. Freud chama-a de irracional e desacreditada, porque, segundo este psicanalista “não prestamos contas a mais ninguém além de nós, e dos que estão ao nosso redor”.¹³⁵

¹³² GARCIA, 2006, p. 3.

¹³³ BERTI, Marcelo. *Hamartiologia – Doutrina do Pecado: uma Breve Introdução*. 2010. p. 7. Disponível em: <<http://marceloberti.files.wordpress.com/2010/02/apostila-teologia-sistemática-hamartiologia.pdf>> Acesso: 14 maio 2014.

¹³⁴ BERTI, 2010, p. 3.

¹³⁴ BERTI, 2010, p. 4.

¹³⁵ BERTI, 2010, p. 7.

Contudo, é a visão teológica da culpa como pecado, que determina a isenção da dignidade do ser humano diante de Deus. Novamente, recorre-se a obra de Marcelo Berti, que resume culpa e pecado como sendo:

Portanto, culpa é mais que errar executar algo mau ou sentir-se mal por isso, mas é o resultado da violação original da Lei Moral de Deus, e atinge judicialmente a todos os descendentes de Adão. Assim, a Culpa do Pecado provem do ato rebelde de Adão, e é imposta a todo o qualquer ser humano, de maneira que, esta redundando diretamente em condenação.¹³⁶

Ora, o pecado acarreta graves conseqüências, resulta em duras penas como ser escravo do vício, ódio, mentira, orgulho. Por isso, entende-se que através de Adão veio o pecado sobre todos os seres humanos. Assim, a Palavra de Deus assevera que todos irão comparecer ao tribunal de Cristo, para prestar contas de suas ações, como se lê: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal”. (2 Cor 5.10). Ou ainda em “Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo” (Rm 14.10).

A respeito das conseqüências do pecado Érico Teixeira afirma: o pecado traz para o ser humano condenação. Se apoia nas passagens: “Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado essa o há de julgar no último dia.” (Jo 12.48). Assim, quem desobedece a Palavra é julgada pela Palavra. O pecador fica culpado diante de Deus, daí a razão de seu julgamento e condenação, como está explicito na passagem bíblica: “Mas, se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, e sois redargüidos pela lei como transgressores. Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos”. (Tg 2.9-10).¹³⁷

A verdade que enche os corações humanos é que não foram abandonados por Deus após sua queda, porque a vitória sobre o mal foi anunciada por Deus, possibilitando-os erguer-se. No livro de Gênesis, há uma narração sobre o combate entre a serpente e a mulher e a vitória de um descendente dela. Na carta aos Filipenses (Fp 2.8), Paulo afirma que este descendente é o “Novo Adão” que por

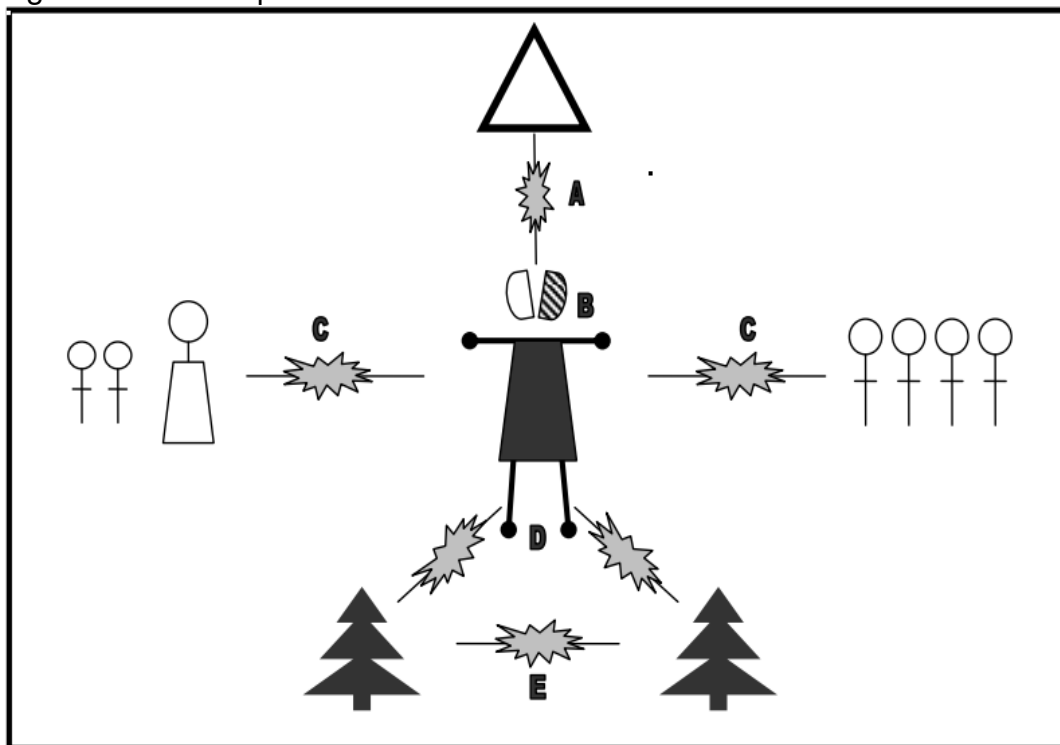
¹³⁶ BERTI, 2010, p. 3.

¹³⁷ TEIXEIRA, Érico. *O perdão não anula conseqüências do pecado*. Disponível em: <<http://45graus.com.br/o-perd-o-n-o-anula-conseq-ncias-do-pecado,palavra-viva84454.html>>. Acesso em: 11 maio 2014.

sua obediência até a morte, e morte de Cruz, repararia de um modo pleno a desobediência de Adão.

Para sintetizar a culpa como pecado toma-se de Berti um gráfico explicativo sobre a realidade da destruição do pecado na humanidade.

Figura 1 – Conseqüências Cóslicas da Queda



Fonte: BERTI, 2010, p. 16.

Marcelo Berti explica através deste gráfico que com a queda do ser humano e a entrada do pecado no mundo, implicou diretamente na separação espiritual com Deus (A). Em decorrência do pecado, o ser humano não pode portar-se de maneira irrepreensível diante da Lei de Deus, e do próprio Deus. Seria a separação psicossomática (B). Além de perder a comunhão com Deus, perder a harmonia consigo mesmo, também está separado do ser humano (C). A separação antropológico seria pelo fato de que o ser humano precisa trabalhar para sua sobrevivência (D). Ainda haveria uma separação ecológica, pois a terra passa a ser “maldita”, “produzirá cardos e abrolhos” (E). Por último, o autor destaca a separação final onde afirma que no meio do juízo adâmico, o Senhor Deus deu a promessa da vitória

sobre satanás através da mulher: a promessa da benção por intermédio de Jesus, o filho prometido.¹³⁸

3.3 Culpa como perdão

Ao se falarem culpa e perdão no sentido geral, ou seja, motivados por desacertos nas relações interpessoais, é comum ouvir-se a expressão: “ não posso perdoar, porque não posso esquecer”. Outra expressão usada com muita freqüência é: “esquece tudo e passa à frente”. Ora, quem já passou por esse processo sabe que não funciona exatamente assim, porque para perdoar é preciso ter claramente na consciência qual foi a ofensa. O que ocorre é: o perdão ajuda a memória a curar-se, mas não a esquecer, perdando, a “ferida” para de doer porque para de ser “tocada”.

Entretanto, o perdão é um dos assuntos bíblicos que promove variadas formas de entendimento, mas é fundamental e incondicional na vida do cristão. Reconhece-se a sua difícil execução, pois atos de agressões e crimes, não são fáceis de serem perdoados. No entanto, deve ser uma ação perpétua na vida dos que servem a Deus. Perdoar é humano e espiritual, mas o processo depende da vontade do indivíduo, só ele pode fazer a maior parte deste trabalho. O restante é pela graça, explica Emma Ocaña. A autora assevera que quando a pessoa perdoa, reconhece que já foi perdoado pelos que vivem ao seu redor e por Deus, claro, se n’Ele crê.¹³⁹

São vários os obstáculos que dificultam a aceitação do perdão pelas pessoas, assegura Emma Ocaña. Pessoas que se julgam imperdoáveis. Outras que não acreditam na gratuidade do amor; outros que recusam o perdão e outros que recusam a culpa por imaturidade psicológica.¹⁴⁰ A autora referenciada, explica que o desafio é receber o perdão sem se sentir humilhado ou rebaixado, porque na condição de humanos, somos suscetíveis aos enganos e necessitamos ser perdoados, e perdoar.

¹³⁸ BERTI, 2010, p. 17s.

¹³⁹ OCAÑA, Emma Martinez. *Sabedoria de perdoar e Perdoar-se*. Trad. Júlia Moreira dos Santos. Bragança: Fundação Betânia, 2007. p. 21. Disponível em: <http://www.fundacao-betania.org/biblioteca/cadernos/pdf/Caderno_11_A_Sabedoria_de_Perdoar_e_Perdoar-se.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

¹⁴⁰ OCAÑA, 2007, p. 21.

Percebe-se, portanto, que liberar perdão para quem causou mágoas é difícil, exige força, vontade, resignação, força e tempo. Somado a estas dificuldades de perdoar está um empecilho difícil de transpor que é a renúncia que se precisa fazer da imagem de vítima. Desta forma, o ato do perdão deve ser espontâneo, paulatino e oportuno, ou seja, esperar o movimento ideal para que o coração, preparado, possa perdoar.

Emma Ocaña, comentando acerca da importância do perdão, assinala sentimentos de quando as pessoas são magoadas e não conseguem perdoar, ficam dominados pelos seguintes sentimentos: “a) Perpetuar em nós e nos outros o mal que nos fizeram; b) Viver com um ressentimento permanente; c) Permanecer preso no passado; d) Vontade de vingança”.¹⁴¹

Analisando estes sentimentos que dominam as pessoas quando estão magoadas, compreende-se o que autora quer ensinar: primeiro que as pessoas julgam a gravidade de suas faltas e as classificam como imperdoáveis, por ela, pelos outros e até por Deus; que teoricamente as pessoas podem acreditar no perdão gratuito, mas acredita que o tempo reservará situações que há possibilidade de se pagar; outras pessoas, por não sentirem culpabilidade pessoal ou social, dispensam o perdão. Por fim, o último grupo por não distinguirem culpa patológica, recusam a culpa por imaturidade.¹⁴²

Emma Ocaña relaciona os grandes paradoxos do perdão e afirma que perdoar não consiste em transferir a responsabilidade para Deus. Quando as pessoas feridas afirmam: “o perdão pertence a Deus”, está transferindo a responsabilidade do perdão, e negando sua participação, como se Deus fizesse o trabalho pelos seres humanos. Os paradoxos do perdão, segundo a autora, são:

Fácil mas muitas vezes inacessível;
Disponível, mas frequentemente esquecido;
Libertador para o outro, mas ainda mais para nós próprios;
Tão falado e tão mal compreendido;
Tão humano e, contudo, tão fantasiado;
Vital, mas não temido;
Concedido para a paz da alma e, no entanto, tão ameaçador;
Misterioso, mas tão banal;

¹⁴¹ OCAÑA, 2007, p. 4.

¹⁴² OCAÑA, 2007, p. 7.

Tão divino e tão humano.¹⁴³

Observando-se estes paradoxos do perdão, relacionados por Emma Ocaña, compreendemos porque o perdão é considerado um processo complexo. Para ele ocorrer é preciso que a pessoa esteja envolvida como um todo, conheça seus benefícios e conseqüências negativas. Tenha tempo, paciência, moderação e não desistir de atingir seu objetivo, perdoar.

Buscando compreender esta teia complexa que entrelaça o perdão, durante toda a pesquisa a culpa foi analisada por diferentes olhares, e dentro de variados âmbitos. Na culpa como perdão, observa-se que as conseqüências do pecado que entrou no mundo pela escolha do pai adâmico e foi registrado em Gn 3. 14: “Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás, todos os dias da tua vida”. Esta maldição atingiu toda a raça humana, ou seja, as conseqüências do pecado e do erro são para todos.

Mas existe um questionamento: se existe uma forma de o ser humano se livrar da culpa do pecado e receber o perdão de Deus? Temos exemplos bíblicos a este respeito, onde Deus perdoou pessoas, mas estas não ficaram livres das conseqüências do pecado. Exemplo de Davi que cometeu pecado, se arrependeu, chorou e se humilhou. Assim mesmo Deus tirou a vida de seu filho com Bateba como castigo. Esta ação do Senhor sucinta dúvidas como: Se Deus não tira as conseqüências, para que serve o perdão? Antes, de continuar nesta difícil tarefa de compreender o perdão é preciso analisar o seu conceito.

De acordo com Allen Dvorak a palavra perdoar em grego *αφεσις* = *afesin*, significa literalmente “cancelar ou remir. Significa a liberação ou cancelamento de uma obrigação e foi algumas vezes usada no sentido de perdoar um débito financeiro”.¹⁴⁴ Desta forma, no conceito bíblico compreende-se que o pecador é um devedor espiritual e esta condição ficou explícita na orientação do senhor Jesus aos discípulos quando fossem orar agissem como está registrado em Mt 6.12: “E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.

Assim, Allen Dvorak resume esta relação culpa e perdão da seguinte forma:

¹⁴³ OCAÑA, 2007, p. 7.

¹⁴⁴ DVORAK, Allen. O Que Significa Perdoar? 2011. Disponível em: <<http://www.estudosdabiblia.net/d42.htm>> Acesso em: 12 de maio 2014.

Uma pessoa se torna devedora quando transgride a lei de Deus (1 João 3:4). Cada pessoa que peca precisa suportar a culpa de sua própria transgressão (Ezequiel 18:4,20) e o justo castigo do pecado resultante (Romanos 6:23). Ele ocupa a posição de pecador aos olhos de Deus e perde sua comunhão com Deus (Isaías 59:1-2; 1 João 1:5-7).¹⁴⁵

Compreende-se a partir da fala de Dvorak que o perdão é um ato no qual o ofendido livra o ofensor do pecado, deixa-o liberto da culpa pelo pecado. E ainda que Deus “esquece” quando perdoa, como o texto de Hb 8.12 esclarece: “Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, E de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais”.

No entanto, não se deve interpretar que Deus tenha uma memória fraca. Reportemo-nos aqui ao caso de Davi. Deus perdoou seu pecado a respeito de Bateba e Urias, mas muito tempo depois veio o castigo, como se constata em II Samuel 12. 13: “Então disse Davi a Natã: Pequei contra o Senhor. E disse Natã a Davi: Também o Senhor perdoou o teu pecado; não morrerás”. Em I Rs 15 5 observa-se: “Porquanto Davi tinha feito o que era reto aos olhos do Senhor, e não se tinha desviado de tudo quanto lhe ordenara em todos os dias da sua vida, senão só no negócio de Urias, o heteu”.

A respeito desta relação do ser humano e Deus, neste constante movimento criatura/Criador, Paul Tournier aduz:

Nossa relação com Deus é a de um engajamento dramático, parecido com um duelo de esgrima, uma sucessão de ofensivas, de recuos, de defesas e de ataques. Todo homem sente isso, quer seja crente ou não, pelo simples fato de que ele existe, de que tem uma vida humana com tudo o que este termo implica: contradições, riscos, sucessos e fracassos, culpas, aspirações, evasões e resistências.¹⁴⁶

Esta relação dramática entre o ser humano e Deus que Paul Tournier nos apresenta, decorre das conseqüências do pecado e da mão de Deus, que mostra o quanto às pessoas são culpadas e todos precisam desesperadamente do perdão. O próprio ser humano não está em um estado estável, mas em movimento, uma reviravolta com idas e vindas; e o perdão de Deus não é um atributo estático, mas um movimento, um impulso.¹⁴⁷

¹⁴⁵ DVORAK, 2011.

¹⁴⁶ TOURNIER, 1985, p. 114.

¹⁴⁷ TOURNIER, 1985, p. 1147.

Assim, Deus oferece ao ser humano encarcerado pela consciência de sua culpa, a certeza do perdão e da graça, e, para aquele endurecido de coração, que nega o Senhor, Deus pode trazer terríveis situações no seu dia-a-dia. Isto se constata em: “E ainda dizes: Eu estou inocente; certamente a sua ira se desviou de mim. Eis que entrarei em juízo contigo, porquanto dizes: Não pequei” (Jr 2. 35). Ou ainda: “Certamente ele escarnecerá dos escarnecedores, mas dará graça aos mansos” (Pv. 3:-. 34). Além deste: “antes, ele dá maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6).

Phipip Yancey diz que “o escândalo do perdão confronta qualquer pessoa que concorde com o cessar- fogo moral apenas porque alguém diz ‘sinto muito.’”¹⁴⁸ O autor afirma que as pessoas cristãs ou não-cristãs deixam de resistir e perdoam. O mesmo autor adverte que o perdão é a única alternativa para deter o ciclo da culpa e da dor, e receber a graça, como ele explica abaixo: “O perdão oferece uma saída. Ele não resolve todas as questões da culpa e da justiça — com frequência claramente foge dessas questões —, mas permite um relacionamento renovado, que começa outra vez”.¹⁴⁹

Como anteriormente afirmado, muitas pessoas acham difícil acreditar no perdão, mas o Dr. Warren Wiersbe chama o perdão de “o maior milagre da Bíblia”.¹⁵⁰ E este milagre bíblico tem um significado amplo no tribunal do Rei dos Reis, pois foi na cruz que Deus não livrou do castigo, o Cristo, mas recebeu-O de braços abertos em sua família. Com isso deixou-nos entrar em sua casa. Esta situação de afeto e conforto especial oferecidos por Deus, quando somos perdoados Billy Graham resume: “Na cruz, recebemos não apenas a absolvição, mas também a justificação (como se nunca houvéramos pecado); não somente o perdão, mas também a aceitação divina[...]”.¹⁵¹

Sendo assim, o perdão divino e a Justiça de Cristo, chega ao ser humano apenas quando ele confia totalmente em Jesus, como Senhor e Salvador. Isso porque a partir daí que Deus recebe Cristo na sua intimidade e chega confiantemente, junto ao Trono da Graça, a fim de receber a Misericórdia e Graça

¹⁴⁸ YANCEY, Philip. *Maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda M. Krievin. Vida. São Paulo: 2010. p. 40.

¹⁴⁹ YANCEY, 2010, p. 43

¹⁵⁰ GRAHAM, Billy. *Como Nascer de Novo*. Trad. Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1977. p. 78.

¹⁵¹ GRAHAM, 1977, p. 79.

para o socorro em ocasião oportuna. Isso fica evidente em Hb 4.16 : “Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”.

A face de misericórdia de Deus é percebida quando se observa o comportamento do Senhor Jesus em relação aos pecadores. O comportamento simples, humilde, compreensivo de Jesus era visto quando a iniciativa de perdoar. Sempre quando valorizava aquelas pessoas que por ele foram perdoadas. Senão vejamos, no episódio da mulher samaritana, pediu de beber, como no relato: “Nisso veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dê-me um pouco de água” (Jo 4.7). A Zaqueu Jesus pediu para ser recebido em sua casa:

E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu, e era este um chefe dos publicanos, e era rico. E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali. E, quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa” (Lucas 19:1-5); A mulher do perfume permitiu que o afagasse com os seus beijos: “E se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. (Lc 19.1-10).

Com certeza, este amor incondicional, essa proximidade amiga de Deus, por meio de Jesus, permite e motiva o ser humano a confessar o seu pecado e decidir responsabilizar-se pelo mal que fez.

As parábolas, formas didáticas de Jesus ensinar a seus discípulos sobre vários temas da vida cristã, foram utilizadas para ensinar. Assim também foi sobre o perdão, como na parábola da ovelha perdida, narrada a seguir:

Todos os publicanos e pecadores estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: Este recebe pecadores e come com eles. Então Jesus lhes contou esta parábola: "Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente nos ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida. Eu digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se (Lc 15.1-7).

Estes acontecimentos trazem provas incontestáveis, imensuráveis e misericordiosos de gestos de amor e valorização àqueles que por Jesus foram perdoados. A questão que se levanta é se as pessoas conseguem entender o perdão como um esquema jurídico, voltado para a punição ou como gratuito, vindo de Deus, resultado do seu acolhimento e manifesto pela Sua presença amorosa e bondosa. Isto como narrados anteriormente nos acontecimentos bíblicos de Zaqueu e da mulher samaritana, bem como no caso da mulher adúltera contada em João 8.3-12:

E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando. E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isto, diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isto, redargüidos da consciência, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio. E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais. Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida (Jo 8.3-12).

Estes episódios bíblicos nos ensinam que o perdão de Deus é uma graça, e que regenera um alento que ajuda o indivíduo a continuar sua caminhada aqui na terra e preparar a sua morada no céu, pelos ensinamentos cristãos.

Diante do exposto é possível perceber que a religiosidade tem como uma das suas características a libertação da culpa. Isso porque a religião lança seu olhar sobre o pecado a partir do perdão, dando ao cristão, esperança e libertação. Assim, as religiões cumprem seus papéis que é o de anunciar: “Há perdão para além de todo o pecado, há reconciliação para além de toda a ruptura, há graça para além de toda a ameaça. Há uma realidade última que dá sentido, fundamento, sustento, a todos os nossos pedidos e ofertas de perdão”.¹⁵²

Cabem as religiões, portanto, serem profetas e testemunhas do perdão, e, de forma humanizadoras, faça chegar até o pecador a voz do Senhor. E assim dizer

¹⁵² OCAÑA, 2007, p. 7.

que ele não é condenado, que não é culpado, apesar da sua culpa que foi, é, e será amado sempre.

Somente quando curar o sentimento de culpa oferecendo o perdão ao seu semelhante e recendo o perdão de Deus, condição para desfrutar de todas as riquezas de Deus que estão guardadas para todos os indivíduos, será percebida que não se está vivendo apenas, mas acima de tudo se está verdadeiramente vivo, e poderá ouvir-se a voz do Senhor respondendo: “Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais” (Jo 8.11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano se sente culpado e angustia-se, procura forma de pagar sua culpa e controlar seu futuro através do arrependimento, mas não consegue, porque o próprio sentido de culpa mina suas forças, passando então, a viver num círculo vicioso.

Analisando a culpa por diferentes olhares, percebe-se que a teoria freudiana afirma não haver saída para o sentimento de culpa. Este sentimento inevitável enquanto a sociedade continuar a se organizar através de famílias, porque o conflito do complexo de Édipo sempre aparecerá na formação da consciência moral. Ou melhor, em termos conceituais o superego se instalará o sentimento de culpa que começou em função do pai, e que se dispersa para o grupo, continuamente fortalecendo o sentimento de culpa, que aniquila a felicidade da civilização. Na percepção filosófica de Nietzsche, o ser humano, martirizado e acorrentado na camisa de força social, tem aumentado seu sacrifício ao máximo através da apropriação da 'suposição religiosa'. Ou seja, no fato de o ser humano crer num Deus, que se sacrificou em favor dos seres humanos e assim tornou impossível a remissão da dívida que o ser humano acumulou com o mundo transcendente, a sua própria escolha, consciência moral que teve e ainda tem. Segundo Goldemberg o adestramento dos homens, deixando-os reféns do medo, da idolatria e do sentimento de culpa e arrependimento.¹⁵³ A antropologia dá a noção de que os sentimentos somente são demonstrados nas relações sociais, tendo a linguagem como ferramenta primordial em sua transmissão, e entendem-se as emoções a partir do aprendizado social e não como algo inato e descontrolado. A concepção Winnicottiana defende que ao invés de reconhecer a culpa pelo viés do conflito, da inevitabilidade de mal-estar e de um sujeito necessariamente barrado, castrado, que controla seus instintos em defesa de um melhor convívio social, com desejo e dimensão criativa. Assim abrindo um outro espaço, um outro mundo.¹⁵⁴

Na perspectiva religiosa observa-se que entre a culpa e pecado não há uma clara distinção entre estes sentimentos, entre os que professam o cristianismo. Percebe-se que há um binômio pecado/culpa e perdão, e que a desobediência às

¹⁵³ GOLDENBERG, 2009, p. 16.

¹⁵⁴ GOLDENBERG, 2009, p. 15.

leis de Deus, acarreta uma angústia que faz o indivíduo se tornar mais distante de si e daqueles ao seu redor.

Apesar de algumas apresentarem distorções, às vezes até de formas nefastas, as religiões, no seu teor buscam unanimemente a existência de uma realidade que acolhe todos os seres humanos, sem distinção. Principalmente os que estão sofrendo na condição de vítima ou de culpado, para que se sinta colhido por Deus, Senhor todo Poderoso e Misericordioso. Um Deus que os faz melhores e capazes de se transformar e transformar a sua história de dor e injustiça.

Nas demais religiões a culpa aparece de diferentes aparências, no entanto, há sempre a opinião de que o esclarecimento do ser humano quanto as suas transgressões internas ou externas pode proporcionar uma maior compreensão dele próprio, de seu psiquismo e a busca de alternativas para que suas virtudes possam ser aperfeiçoadas.

Deve-se pagar o preço dos pecados para ter-se o perdão de Deus e no dia do Juízo os pecados já estarem pagos pelo sangue de Jesus, pois ao serem perdoadas, as pessoas terão seus pecados esquecidos por Deus.

O perdão só ocorrerá quando o indivíduo lembrar que ele próprio é pecador e necessita do perdão divino (Rm 3.23), pois no caso do cristão, Deus já lhe liberou perdão no momento da sua conversão e a partir daí aprende-se que se Deus nos perdoa, devemos perdoar quem nos devem muito menos em comparação ao que causamos a Jesus.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA sagrada: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª Ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARAÚJO, Antonio Carlos Alves de. *Culpa e Insegurança na nossa Vida*. Disponível em: <http://antonioaraujo_1.tripod.com/psico1/portugues/culpa/culpa.html>. Acesso em: 4 maio 2014.

ASNIS, Nelson. *Suicídio e Islamismo: Um Olhar Psicanalítico*. Tese. (doutorado em psicologia), Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BANDEIRA, Paula Greco Bandeira. A Evolução do Conceito de Culpa e o Artigo 944 do Código Civil. *Revista da EMERJ*, v. 11, n. 42, p. 227-249, 2008.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. Pecado, Castigo e Redenção: A Peste como Elemento do Proselitismo Cristão (Portugal, Séculos XIV/XVI). *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 183-205, 1997. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg3-8.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. por Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

BERTI, Marcelo. *Hamartiologia – Doutrina do Pecado: uma Breve Introdução*. 2010. Disponível em: <<http://marceloberti.files.wordpress.com/2010/02/apostila-teologia-sistemática-hamartiologia.pdf>> Acesso: 14 maio 2014.

BRITO, Neilson Xavier de. Culpa e seus desdobramentos no processo de ajuda. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 32, p. 57-85, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/1125/1064>>. Acesso em: 8 maio 2014.

CARNEIRO, Neri de Paula. *Uma Antropologia da Cultura II: O homem, que realidade é essa?* Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/filosofia/uma-antropologia-cultura*ii-homem-que-realidade-essa.htm>. Acesso em: 3 maio 2014.

CASTIGO. In: DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/castigo/>>. Acesso em: 12 maio 2014.

CASTIGO. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Castigo>>. Acesso em: 12 maio 2014.

CERQUEIRA FILHO, Alírio de. *Culpa e Responsabilidade*. Disponível em: <http://www.plenitudeonline.com.br/index.php?paginas_ler&artigos&id=950>. Acesso em: 22 abr. 2014.

COLLINS *apud* MEDEIROS, Bruno. *A Relação entre religiosidade Culpa e Avaliação de Qualidade de Vida no Contexto do HIV/AIDS*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba, 2010.

CRAGG, Wesley. *Castigo*. Trad. Lucas Miotto. Disponível em: <<http://criticanarede.com/castigo.html>>. Acesso em: 12 maio 2014.

CULPA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 230.

CULPA. In: HOUAISS, Antônio Mauro Villar. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. p. 201.

DVORAK, Allen. *O Que Significa Perdoar?* 2011. Disponível em: <<http://www.estudosdabiblia.net/d42.htm>> Acesso em: 12 de maio 2014.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FARIAS, Ícaro Souza. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. *Revista Húmus*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 7, p. 122-130, 2013.

GARCIA, Deomara Cristina Damasceno. *Transgressões Humanas: pecado e sentimento de Culpa*. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0313.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

GOLDENBERG, Fernanda. É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 105-118, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 maio 2014.

GOLDENBERG, Fernanda; JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação. *Cadernos psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 105-118, 2011. Disponível em: <http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24_pdf/20_CP_24_E_POSSIVEL_UMA_SOCIEDADE_SEM_CULPA.pdf> Acesso: 3 maio 2014.

GRAHAM, Billy. *Como Nascer de Novo*. Trad. Myrian Talitha Lins Betânia. Venda Nova: Betânia, 1977.

GUILHARDI, Hélio J. Análise comportamental do sentimento de culpa. In: Teixeira, A. M. S. et al (Eds.). *Ciência do Comportamento - conhecer e avançar*. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 173-200.

HENNING, Martha Caroline; MORÉ, Carmen L. O. O. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 9, p. 84-114, 2009.

KERTZER, Morris. *O que é torá*. Disponível em: <<http://colecacao.judaismo.tryte.com.br/livro1/l1cap23.php>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

LÉON DUFOUR. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Dufour>. Acesso em: 25 abr. 2014.

LIMA, Paulo Cesar. *Proibições Religiosas - A Cultura do Castigo!* 2013. Disponível em: <<http://revpaulocesarlina.blogspot.com.br/2013/06/proibicoes-religiosas-cultura-do-castigo.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

LUTERO, Martim. *Ética cristã: das boas obras*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1999.

MAZZOCHINI, Lucas Antônio. Culpa e pecado na sociedade atual. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PUCRS, 10, Porto Alegre. *Anais do X Salão de Iniciação Científica PUCRS*. Porto Alegre: PUCRS, 2009. p. 4. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaolC/Ciencias_Humanas/Teologia/70442>. Acesso em: 10 maio 2014.

MEDEIROS, Eduardo. *O Cristianismo da culpa e a culpa no Cristianismo*. 15 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://jl-reflexoes.blogspot.com.br/2010/01/o-cristianismo-da-culpa-e-culpa-no.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

MENEZES, Jonathan. *Afinal, quem pecou?* O cego, Jesus e o pensamento complexo. Disponível em: <<http://escreveretransgredir.blogspot.com.br/2010/07/afinal-quem-pecou-o-cego-jesus-e-o.html>>. Acesso em: 16 maio 2014.

MENEZES, Ricardo. *O Homem e Sua Realidade*. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/filosofia/o-homem-e-sua-realidade>. Acesso em: 3 maio 2014.

MIRANDA, Mauro Alexandre Moreira Ribeiro da Silva. *Religiosidade e Competências Emocionais em Estudantes Universitários*. Dissertação (mestrado em ciências sociais), Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto, 2014.

MUÇULMANOS xiitas celebraram a ashura. *Estadão*, São Paulo, 14 novembro 2013. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3533188>. Acesso em: 27 abr. 2014.

NAVARRO CORDÓN, J. M. Nietzsche: de la libertad del mundo. In: *Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía*, 23. Edición de José Luis Villacañas Berlaga, “La filosofía del siglo XIX”. Madrid: Editorial Trotta – CSIC, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral – uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OCAÑA, Emma Martinez. *Sabedoria de perdoar e Perdoar-se*. Trad. Júlia Moreira dos Santos. Bragança: Fundação Betânia, 2007. Disponível em: <http://www.fundacao-betania.org/biblioteca/cadernos/pdf/Caderno_11_A_Sabedoria_de_Perdoar_e_Perdoar-se.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

PAIVA, Geraldo José de. Psicologia Cognitiva e Religião. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n.1, p. 183-191, 2007.

PEDROSA, Ronaldo Leite. *A culpa sem culpa?* 9 jul. 2008. Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/institucional/dir_gerais/dgcon/pdf/artigos/direi_penal/a_culpa_e_m_culpa.pdf>. Acesso em: 1 maio 2014.

PERRELLI, Marly. Sentimento de culpa leva à auto-punição. *Jornal Aconteceu*, São Mateus do Sul, 30 nov. 2012. Disponível em: <[http://jornalaconteceu.com.br/index.php/colunas/9-colunas/2264-sentimento-de-culpa-leva-a-autopunicao->](http://jornalaconteceu.com.br/index.php/colunas/9-colunas/2264-sentimento-de-culpa-leva-a-autopunicao-). Acesso em: 26 mar. 2014.

PESTE NEGRA. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peste_negra>. Acesso em: 10 maio 2014.

PINTO, Liliana. O Sentimento de Culpa e as Implicações no Processo Psicoterapêutico. *Interações*, Coimbra, n. 9, p. 156-161, 2005. Disponível em: <www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/173/179>. Acesso em: 30 abr. 2014.

PISANI, Elaine Maria et al. *Temas de Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1994.

PLANTINGA JR, Cornelius. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo-SP: Editora Cultura Cristã, 1998.

RAINHA, Amanda Tardivo. *Estudo do Sentimento de Culpa na Teoria Freudiana (1892-1924)*. Dissertação (mestrado em psicologia), Pós Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013.

REBLIN, Iuri Andréas. A Angústia Kierkegaardiana. *Protestantismo em Revista*, v. 15, p. 105-127, maio-ago. 2008. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/016/ano07n2_07.pdf>. Acesso em; 2 maio 2014.

RIBEIRO, Osvaldo Luis. Consciência Culpa e Perdão: Jogos Psicológicos e Teológicos da Alma. 2008. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/consciencia-culpa-e-perdao-jogos-psicologicos-e-teologicos-da-alma/>>. Acesso:1 maio 2014.

RIBEIRO, Osvaldo Luis. *Consciência, Culpa e Perdão: Jogos Psicológicos e Teológicos da Alma*. 2008. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/consciencia-culpa-e-perdao-jogos-psicologicos-e-teologicos-da-alma/>>. Acesso em: 1 maio 2014.

RICOUER apud MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. Buscando, na obra de Ricoeur, indícios de uma antropologia e seu significado para a educação. In: ANPED SUL (Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul), 9, Caxias do Sul. *Anais do IX ANPED Sul*. Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3212/939>>. Acesso em: 2 maio 2014.

RINALDI, Dóris. *Culpa e Angústia: algumas notas sobre a obra de Freud*. Disponível em: <<http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int->

biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_Culpa_e_Angustia_%20notas_obra_Freud.doc>. Acesso em: 2 maio 2014.

ROSEMBERG, Shalom. *Que é Cashrut?* Antologia do Pensamento Judaico sobre as leis dietéticas judaicas. São Paulo: Sefer, 2003.

SAAVEDRA, Bruno. *Senso de Culpa na igreja*. Abril 2011. Disponível em:<<http://www.questaodeperspectiva.com/2011/04/culpados-e-irracionais.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

SANTOS, Marcos Aurélio dos. *Liberando o Perdão*. Disponível em:<<http://www.teologiaevida.com.br/2013/11/liberando-o-perdao.html>>. Acesso em: 10 maio 2014.

SILVA, Georges da; HOMENKO, Rita. *Budismo – Psicologia do Autoconhecimento*. São Paulo: Editor Pensamento, 2013.

SINGH, Kalu. *Culpa*. Trad. Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

STADTLER, Hulda. Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 112-135, 2002.

TARIQ, Daniel Yussuf Abu. O Islã encoraja o perdão. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Márcia Junges. São Leopoldo, 9 abr. 2012. *IHU online*. Disponível em:<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4342&secao=388>. Acesso em: 27 abr. 2014.

TAUBER, Yanki. *Culpa Judaica*. Disponível em:<http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1216765/jewish/Culpa-Judaica.htm>. Acesso em: 6 maio 2014.

TEIXEIRA, Érico. *O perdão não anula conseqüências do pecado*. Disponível em:<<http://45graus.com.br/o-perd-o-n-o-anula-conseq-ncias-do-pecado,palavra-viva84454.html>>. Acesso em: 11 maio 2014.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.

TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça: Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho*. Trad. Rute Silvana Eismann. São Paulo: ABU, 1985.

VALLE, Edenio. Neurociências e religião: interfaces. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 3, p. 1-46, 2001.

VARGENS, Renato. *Teologia do castigo*. Disponível em:<<http://renatovargens.blogspot.com.br/2010/06/teologia-do-castigo.html>>. Acesso em: 5 maio 2014.

YANCEY, Philip. *Maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda M. Krievin. Vida. São Paulo: 2010.

ZAGO, Rosemeire. *Sentimento de Culpa leva à autopunição*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/vyaestelar/culpas.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2014.